O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 22 DE MAIO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:361

Marrocos...

Dizem gazetas varias que a vizinha Hespanha accumula tropas na fronteira. E, escusado seria dize-lo, o culpado é o governo! Alpoim clama que não temos exercito, que não temos marinha, que não temos *defesa organisada*. E que, entretanto, o governo só pensa na . . . *politiquice*. Elle pensou no exercito, o intrujão, nos longos annos que teve influencia e que desfructou o poder com o partido progressista! Elle pensou na marinha! Elle pensou em tudo! E deem-lhe amanhã o poder que, ao influxo da sua varinha magica, resurgirá o exercito, a marinha, uma patria dominadora, poderosa!

E' o verdadeiro typo do eleiçoeiro, do politiqueiro. Porque, afinal, o mariola não tem originalidade nenhuma. Todos nós conhecemos aquelles *trucs*, aquellas intrujices, aquella *constitucional* arte de roubar. Porque o regimen constitucional trouxe isto: esta nova arte de intrujar, de *pantominar*, de roubar. O Padre Vieira escreveu na sua *Arte de Furtar* um capitulo intitulado: *Como se podem furtar a el-rei vinte mil cruzados e demanda-lo por outros tantos.* Se hoje resuscitasse teria d'accrescentar: *e chamar-lhe ladrão, e mata-lo, passando-se a si proprio, ainda por cima, diploma de cidadão honrado e victimado, entrando assim, ovante e glorioso, na historia.* Como no capitulo: *Dos que furtam com unhas politicas*, teria d'accrescentar: *e com labia escripta e falada*, pondo o Souza Nogueira, o Alpoim e o Affonso Costa como symbolica e synthetica trindade do fructo dos amores da *razão do estado*, que surgiu quando o diabo vomitou peçonha, com o regimen constitucional, que veio ao mundo no momento da philosophia *libaral* redimir, da sua longa oppressão e descredito, o dicto diabo, que tinha praticado a bella virtude, a primeira virtude *libaral*, de se haver revoltado, embora fosse no fundo, o que não se contesta, um ingrato, um invejoso, um ambicioso, um ganancioso, emfim, um patife muito grande, um perverso. Não se contesta!

Mas deixemos agora o pantomineiro, apenas edição aperfeiçoada d'esses intrujões politicos que encontramos a cada passo nas aldeias, e que por mais vezes que hajam intrujado, e que por mais provas que hajam dado da sua intrujice, encontram sempre papalvos, e numerosos papalvos, para os acreditar, isto é, promptos a tomar o latão como oiro de lei, e vamos ao caso das tropas hespanholas accumuladas na fronteira.

O que significa isso, se é verdade? Significa *o proposito* d'uma invasão immediata do nosso territorio? Ou a hypothese, para certas e determinadas circumstancias, admittidas pelo governo hespanhol, de se tornar *possivel* e *necessaria* a sua intervenção?

Vejamos as coisas a sério. Que nós só conservamos ainda a nossa independencia devido ás circumstancias especiaes da Europa e ao tino que temos tido, no meio de tanta insensatez, de haver mantido, ao menos, a alliança ingleza.

Este tem sido um dos *grandes crimes da monarchia*, como se sabe. Republicanos, desde o mais illustre até ao mais burro, desde Theophilo Braga até ao Margarido, teem accusado centos de vezes, d'esse *grande crime*, a monarchia. Ora sem a alliança ingleza Portugal já não existiria, como nação independente, ha muitos annos. Insensatos, imbecis, os republicanos, tornando a monarchia inseparavel da alliança ingleza, erro que tarde e mal procuraram remediar, não fizeram senão demonstrar . . . a necessidade do regimen monarchico.

Nós só existimos como nação independente, dado o nosso relaxamento, a nossa incuria, a nossa falta de civismo, a anarchia em que ha tres seculos vivemos, devido ás condições especiaes da Europa e á alliança ingleza. Se a Hespanha, mesmo com esta alliança, fosse hoje a nação forte que era no tempo de Filippe II, Portugal já não existiria. E já não existiria, porque, então, não só a Hespanha teria onde buscar allianças fortissimas que contrabalançassem o poder da Inglaterra e das nações que com esta se entendessem, como teria, só por si, força bastante para que a Inglaterra se aquietasse chegando com ella a um accordo *amigavel*. O continente de Portugal, os Açores, a Madeira e Cabo Verde, para a Hespanha, chegavam e fartavam. O resto, para fazer ficar caladinha e contente a Inglaterra e a Allemanha, e, em ultimo caso, a França, ainda, tambem, chegavam, e ainda, tambem, fartavam. Ficaria tudo, não só caladinho, como *quietinho* e satisfeito. De barriguinha cheia e palito ao canto da bocca, a rir e a esmoer.

Mas a Hespanha é fraca e ainda mais insensata do que nós. Sim, ainda mais insensata do que nós. Nós, ao menos, tivemos o juizo preciso para nos encostarmos á alliança ingleza. Ella, nem isso. Sem allianças, perdeu todas as colonias e levou tapona de todo o mundo. E perdeu todas as colonias, *mal perdidas*. Com outro tino, haveria conservado, como tem conservado a Inglaterra, uma grande parte d'ellas. E quando as perdesse, ao menos te-las-hia perdido, como nós perdemos o Brazil — perda fatal em todas as circumstancias — sem *grandes sacrificios*.

A Hespanha é fraca, é insensata, e d'ahi a nossa salvação. Se fosse a Russia ou a Inglaterra, de ha muito que teriamos seguido o caminho da Irlanda e da Polonia.

Está reformando agora o seu exercito? Está creando a sua marinha? E' perigoso.

Mas para nos invadir desde já . . . é cedo. A não ser . . . no caso provavel de cahirmos, como todo o mundo prevê para breves tempos, na mais tremenda anarchia.

Ora eis o caso!

A Hespanha está accumulando tropas na nossa fronteira? Para quê? Para nos invadir por estar no poder um governo progressista, em vez d'um governo republicano, dissidente ou regenerador? Intrujões! Tratantes! Sempre os mesmos intrujões!

Quem ha de dar motivo á Hespanha para nos invadir ha de ser, precisamente, a dissidencia e a republica. Ou antes, as quadrilhas todas juntas. Manifestamente, se a monarchia tivesse força, se houvesse partidos monarchicos em Portugal dignos de tal nome, a republica e a dissidencia não constituiriam nenhum perigo. Mas não havendo partidos monarchicos em Portugal, mas quadrilhas, não tendo a monarchia força nenhuma para metter na ordem meia duzia de discolos, são estes a causa primaria e immediata d'essa anarchia tremenda. E será essa anarchia que trará a intervenção da Hespanha, se essa intervenção entrar na hypothese, como deve entrar, das nações extrangeiras.

E' claro que a Hespanha não se prepara, se é que se prepara, para nos invadir de *moto proprio*. Se a Hespanha se propõe invadir-nos, é com o assentimento da Inglaterra e de todas as nações que giram sob o pavilhão diplomatico do *accordo britannico*. E sem querermos affirmar, que não affirmamos, nem o suppomos, sequer, que a Hespanha esteja concentrando *desde já* tropas na fronteira *para isso*, claro é tambem — não offerece a menor duvida — que a Europa ha de encarar a hypothese d'uma intervenção, seja qual for a forma porque se realisar, como unico remate a esta orgia desenfreada em que vivemos.

Porque isto já não é uma anarchia. Isto é a mais porca, a mais indecente das orgias.

A solução de força morreu, com D. Carlos I. A Europa viu, a Europa vê isso perfeitamente. D. Carlos e João Franco não tiveram a prudencia nem o tino necessario para resolverem pela força este estado de pavorosa orgia. Mas eram *os unicos* que tinham envergadura para uma *solução de força* na vida portugueza. Agora, foi-se. A rainha é fraca, o rei é timido, e os poucos homens que teem alguma honestidade nos partidos monarchicos são fraquissimos. A' força de fracos, chegam a ser pulhas. E' ver esses sete miseraveis que estão empunhando, ahi, as redeas do poder. O rei, timido, fraco, com uma rainha fraca a inspira-lo, empurra-os, provavelmente. Não vê esse homem, não vê essa mulher, que é inteiramente impossivel, sem risco d'uma terrivel conflagração, que começará por lhes esmagar o throno em que se sentam, transigir por mais tempo com o espirito de desordem e banditismo que subverte esta nação. E que, por conseguinte, as mais poderosas razões em favor da conservação do throno e do paiz, os levam a não empurrar um ministerio que *só succumbe* deante da arruaça e da especulação de meia duzia de bandidos. O rei, pois, é natural, empurra, ou antes, *empurraria*, se elles precisassem d'empurrão para cahir, os sete patetinhas que presidem, actualmente, aos destinos do paiz. Mas não precisará de os empurrar, porque elles serão os primeiros . . . a fugir!

Imaginem que rainha, que rei, que ministros, para resistirem ámanhã, nas ruas, á corrente impetuosa da demagogia! Elles, que se põem todos a tremer só porque batem murros nas carteiras, e gritam, o Egas Moniz e o Affonso Costa! Só porque o Alpoim lhes põe deante dos olhos a hipothese . . . d'um novo regicidio!

Elles não são capazes de fazer cumprir o regimento da camara! Elles deitam as mãos á cabeça só á ideia dos soldados da guarda terem de pôr fóra da camara, á coronhada, tres ou quatro duzias de discolos! Mais facil seria suicidarem-se! Imaginem!

Imaginem ámanhã solta a represa, a fraca represa, mas represa ainda assim, que continha a furiosa demagogia. Imaginem ámanhã uma explosão d'esse vulcão d'anarchia, que se vem formando ha muito, em todo o paiz. Quem mette isto na ordem? O rei D. Manuel com o Beirão, o Teixeira de Souza, ou o Alpoim? O rei D. Manuel e o Beirão, que teem perdido noites e noites, sobresaltados com o pau de bater *beefs* e com a cauda do cometa?

A Europa vê isto. Fatalmente! E fatalmente tem prevista a hypothese d'uma intervenção. E fatalmente ha de intervir.

Não ha rei, não ha homens de governo, não ha partidos, não ha opinião publica que corrija ou que se imponha. Isto é Marrocos . . . envernizado.

Dividir a pelle. . .

Perguntam-nos se não lemos aquella interessante confissão feita pelo Cunha e Costa n'uma conferencia. Relatava o *Seculo*, de 9 do corrente, que o *anão*, perorando em qualquer parte, dissera:

. . . . . .

Por ultimo, faz a apologia da republica e pede a quem o ouve que agora, mais do que nunca, é preciso preparar-se para a lucta, visto que se torna urgente **matar o urso para depois se dividir a pelle**. . .

. . . . . .

Lemos, sim, mas já estamos tão costumado a esses descaramentos, que não nos impressiona ouvi-los. São d'um descaramento espantoso. Nunca ninguem os egualou na desfaçatez. Mas estão á altura do paiz!

O paiz não applaude? A parte republicana applaude, e calorosamente. E a que não é republicana, consente.

Então, é mal que não tem cura.

Matar o urso para depois lhe dividir a pelle, foi, é e será a obra de todos os partidos. Apenas nunca nenhum o disse nem o fez com o descaramento com que o diz e já o começou a fazer o partido glorioso da... *democracia*!

Muito amôr teem elles á monarchia!

Segundo os da quadrilha dissidente e os da quadrilha republicana, é José Luciano quem mata a monarchia. E vae d'ahi, toda a gente querem no poder, menos gente influenciada pelo José Luciano. Vá o Teixeira de Souza, vá quem fôr. Menos José Luciano.

Guerra tremenda, tremebunda, feroz, a José Luciano . . . que mata a monarchia.

Muito amor teem elles á monarchia!

Foi Elle!

O Margarido transcreve d'um papelucho republiqueiro, de Vianna do Castello:

Ha annos, em Vianna do Castello, era preciso arranjar uns 14 votos para uma eleição. Quem dispunha delles, porém, necessitava de 3:500$000 réis. Foi difficuldade que facilmente se resolveu. Emprestou-os o Credito Predial sobre uma casa que, tempo depois, foi vendida por um conto e setecentos mil réis!

Hum! Vianna do Castello . . . Façanha passada ha annos e de que tem conhecimento um papelucho da *gloriosa redemptora*...

Deve ter sido negocio do ... Souza Nogueira!

Não se ralem

Escreve-nos com admiravel candura um assignante a dizer-nos que é conveniente que desfaçâmos a calumnia de que estamos vendido aos progressistas por intermedio dos clericaes, calumnia que vae correndo na terra onde reside. O assignante é nosso apaixonado admirador, e embora saiba que é mentira o que se diz por lá, custa-lhe ouvi-lo dizer.

Mas, amigo e senhor, só haveria uma maneira de desfazer essa calumnia: era desatar á bordoada, desde já, aos clericaes e progressistas. Porém se o fizessemos, logo clericaes e progressistas nos accusavam, por seu turno, de vendido aos republicanos, regeneradores e dissidentes. E assim andavamos, amigo. Ora vendido a uns, ora vendido a outros. Pertencendo a toda a gente, sem, jámais, pertencermos a nós mesmo. Nunca fariamos o nosso jogo, que é, segundo o nosso modo de ver, bom ou mau, o jogo dos interesses publicos. Fariamos sempre o jogo dos outros. Não seriamos independente, por mais que blasonassemos d'independencia. Seriamos escravo da nossa vaidade, do nosso interesse pessoal, ou da vaidade, ou do interesse, ou das miseraveis paixões das quadrilhas.

Correr atraz do leitor ou da popularidade, não é para nós, amigo. Bem sabemos que é assim que faz o Silva Graça e outros maltrapilhos. O *Seculo* está sempre do lado que mais rende. Rende mais dar bordoada no José Luciano? Elle dá bordoada no José Luciano. Rende mais dar bordoada no Teixeira de Souza? Elle dá bordoada no Teixeira de Souza. Rende mais atacar a monarchia? Elle ataca a monarchia. Rende mais defender a monarchia ou fazer bichinha-gata á monarchia? Elle faz bichinha gata á monarchia.

E todos os *outros pulhas são assim*. Os pulhas de bem e os pulhas desavergonhados.

O Affonso Costa estava com um pé na monarchia e um pé na republica, quando era mais quente que o sol da republica o sol da monarchia.

Depois do *Seculo*, sob proposta de Cabrito Macho, haver sido expulso do partido republicano, escrevia elle a Silva Graça dizendo-lhe que *via as coisas e pessoas do seu paiz por um aspecto intransigente mas não jacobino;* que o *Seculo* era aquelle que *melhor orientava e dirigia a opinião publica*. Isto quando o *Seculo* estava inteiramente com a monarchia. Hoje o mesmo tratante põe especial cuidado em se mostrar . . . o mais feroz dos jacobinos!

Antonio José d'Almeida mata-se se a opinião republicana não o considerar o mais radical dos radicaes. E grama, como o Cabrito Macho, como o João de Menezes, como todos os pulhas de bem, por mais que a sua consciencia lhe grite, os pulhas desavergonhados, em obediencia á unanimidade da republica, que não admitte intransigencias honradas.

Não ha partido monarchico que não seja na opposição . . . *republicano*. Pelo menos nenhum consente que lhe ponham o pé adeante em questões . . . de *libardade*.

Todos elles procuram o interesse, ou o interesse material, ou o interesse politico. Pelo interesse e pela vaidade são tudo *quanto pretenderem d'elles*. Rojam-se deante do rei ou deante do povo. Alardeando independencia e liberdade são tudo quanto ha de mais abjectamente servil ou escravo.

Comnosco, caro amigo e assignante, nunca succedeu nem ha de succeder isso. Nós temos a nossa opinião. Temos a nossa politica. Temos o nosso objectivo. E em caso nenhum alteramos a linha traçada, ou abdicamos. Em caso nenhum! São os outros da nossa opinião? Melhor. Não são. Paciencia. Escravo da opinião dos outros, nunca. Servil perante o povo, nunca. Nem perante o rei, nem perante o povo. A opinião d'este jornal é sempre a *nossa opinião*. E só a *nossa opinião*. Os outros estão d'accordo e gostam? Excellente. Não estão d'accordo e não gostam? E por não estarem d'accordo e não gostarem deixam de ler o *Povo de Aveiro?* Estão no seu direito. Ficando certos, todavia, absolutamente certos, de que não abandonamos, por isso, a nossa opinião para seguir a opinião alheia.

Lisonjear leitores para apanhar leitores, nunca.

A politica do *Povo de Aveiro* é tudo quanto ha de mais leal, de mais franco, de mais cathegorico. Nunca ninguem nos accusou, nem ha de accusar, de illudir o publico.

Nós fazemos guerra de morte á quadrilha republicana. De morte! Pelos motivos cem vezes declarados, isto é, por a considerarmos a mais falsa, a mais hypocrita, a mais immoral de todas. A quadrilha republicana é a que mais tem anarchisado o paiz. E' a que mais tem dissolvido a consciencia publica. E' a que mais tem pervertido ou acabado de perverter o caracter nacional. E' a mentira das mentiras.

Declarando-lhe guerra de morte, detestamos particularmente tudo aquillo que, directa ou indirectamente, faz causa commum com ella. Detestamos, pois, a quadrilha dissidente, que não é monarchica nem republicana. Que é simplesmente torpe. E antipathisamos formalmente com a quadrilha regeneradora, que, alem dos defeitos communs a todas as quadrilhas, se tornou arruaceira e demagogica quasi tanto como a quadrilha dissidente. Ora eis tudo.

Se mudassem ou mudarem as situações, mudava tambem logo, ou muda, a nossa attitude. A quadrilha progressista, pela qual não temos nenhuma sympathia, toma o logar da quadrilha regeneradora, e a quadrilha regeneradora toma o logar da quadrilha progressista? Pois immediatamente passaremos a poupar a quadrilha regeneradora e a atacar de preferencia a quadrilha progressrsta.

Todas as quadrilhas são más. Todas são detestaveis, para nós. Mas, relativamente, umas mais do que as outras. Ora desde que sem ellas não é possivel, por emquanto, a vida portugueza, nós, procurando leva-las a todas á ruina, para que de quadrilhas se convertam em partidos, e orientando n'esse sentido, energicamente, a opinião publica, fazemos, todavia, o que, entre dois males inevitaveis, faz todo o homem de juizo: preferimos, momentaneamente, o menor mal ao maior mal.

A questão capital, para nós, é a questão d'ordem. Cem vezes temos dicto, mil vezes, que é indispensavel, que é forçoso, começar por introduzir a ordem, ou *alguma ordem*, na sociedade portugueza. Sem ordem, sem disciplina social, não damos um passo. Tudo o mais é impossivel. Ora a unica quadrilha que, depois da morte de D. Carlos, não tem feito politica desordenada, anarchica, dissolvente, é a quadrilha progressista. O mais, republicanos, dissidentes e regeneradores, tem sido uma choldra infamissima.

E' provavel que Teixeira de Souza esteja perto do poder. E é provavel que no poder vá usar d'uma certa energia. Mas, alem de ser um bandido, ao pé do qual José Luciano, com todos os seus crimes e defeitos, é um santo, levá comsigo a responsabilidade da vergonhosa attitude do partido regenerador n'estes ultimos dois annos.

De resto, o partido progressista tem responsabilidades na questão Hinton? E o partido regenerador? Tem responsabilidades na questão do Credito Predial? E o partido regenerador?

Pois pelo facto de José Luciano ter tremendas responsabilidades, criminosas responsabilidades, no Credito Predial, havemos de fazer o jogo da quadrilha regeneradora ou da quadrilha dissidente, *que são a mesma coisa?* A quadrilha dissidente, alem de todas as suas torpezas, alem de ser um formidavel elemento de desordem n'esta terra, tem a questão dos assucares que não vale menos que a questão do Credito Predial. Se José Luciano fez, acima de tudo, politica e compadrio no Credito Predial, e d'ahi veio tudo, politica e compadrio fez e faz Teixeira de Souza no Banco Ultramarino, na Direcção Geral das Alfandegas, em tudo em que tem estado e está mettido.

Todas as quadrilhas precisavam ser dissolvidas e todos os quadrilheiros emeritos enforcados. Mas ainda não ha em Portugal força de opinião publica para isso. E preparando-a, nós mais do que ninguem, quasi que podemos dizer — *exclusivamente*, não commetteremos a tolice, entretanto, de cantar as virtudes d'umas contra os vicios das outras, ou de dar a mão ás peores para as ajudar a trepar sobre a ruina ou a queda das melhores.

Não. Isso não.

E quem gostar, gosta. Quem não gostar . . . adeante. Quem quizer que diga bem. Quem quizer que diga mal. Adeante, adeante. Estamos vendido? Não se incommode, candido leitor. Já nos temos vendido a tanta gente! . . .

Adeante, adeante. Não temos a vileza do Silva Graça para correr atraz dos leitores, nem a fraqueza do Antonio José d'Almeida e a indignidade do Cabrito Macho para correr atraz da popularidade, isto é, para curvar, submisso, a cabeça ás imposições bestiaes de sua majestade o povo, e para gramar *pulhas de bem*. Nem povo, nem rei, nem ninguem. Pensamos pela nossa cabeça, só pela nossa cabeça, e só a nós obedecemos. A mais ninguem.

E adeante.

Tornamos a pedir aos nossos assignantes, afim de nos evitarem buscas trabalhosas, o favor de porem sempre o numero das cintas nos seus avisos ou reclamações.

Affonso Costa não é só ladrão. Alexandre Braga não é só ladrão. Cunha e Costa não é só ladrão. Padua Correia não é só ladrão.

Não é só ladrão, ou *maitre chanteur*, o miseravel que dá pelo nome de França Borges.

Affonso Costa é, alem de ladrão, o devasso emerito que já aqui temos definido. Ainda agora nos contam uma, verdadeiramente typica, succedida com elle em Davos Platz, que mais uma vez patenteia a vileza d'aquelle caracter.

França Borges é o porco *souteneur* da Margarida das Flores, o *amante pagante* da Emilia d'Oliveira.

O Padua Correia é amante da propria irmã e Alexandre Braga amante da propria cunhada.

Cunha e Costa é o miseravel que abandonou mulher e filhos para fugir para o Brazil com uma reles prostituta.

Pois bem. São esses os miseraveis que fallam na Gaby Deslys . . . a toda a hora.

Só enforca-los! Só enforca-los!

O rei é um rapaz, solteiro, e faz as suas rapaziadas pudica e recatadamente. Elles são quasi velhos, casados, com filhos, e fazem gala da sua devassidão e da sua abjecção, que ostentam publica e cynicamente, ao passo que fulminam os outros, como impeccaveis moralistas.

Enforca-los ainda é honra. Esborrachar-lhes a cabeça, com um martello, como ás viboras!

A crise do medo

Os monarchicos tremeram sempre com medo dos republicanos. Os republicanos, affectando muita audacia, nas horas criticas tremeram sempre com medo dos monarchicos. Já nós o escreviamos pelo 31 de janeiro, no livro que então publicámos.

O homem mais corajoso era D. Carlos. Comtudo, possuia muito mais a coragem dos valentões que a coragem dos homens fortes. D. Carlos queria mostrar, sobretudo, *que não tinha medo.* Tinha a preoccupação da valentia, incompativel com a consciencia da verdadeira dignidade e da verdadeira força. Essa preoccupação levou-o a commetter muitas asneiras. A muitos actos de fraqueza, que lhe pareciam, a elle, actos de força. E, por fim, matou-o. Foi isso o que o matou.

Era, na valentice, do genero Borracho. Do genero do proprio João Franco. Já se não pode dizer do genero Affonso Costa, porque este, querendo, tambem, apparentar de valente, é, no fundo, um poltrão. Um canalha e um poltrão. D. Carlos em caso algum cortaria as barbas para se defender ou escapulir n'uma hora de responsabilidade e de perigo. Em caso algum. Mas não fugia á preoccupação das *valentices.* E, por isso, nem procedeu com a energia—e esse abandono ainda entra na psychologia dos valentões — que as circumstancias reclamavam, logo que os ares se começaram a fazer turvos, nem se soube acautelar, n'uma hora em que o mais simples raciocinio e bom senso faria prever a eventualidade de todas as traições, ás quaes, por espirito de fanfarronada, só se expõe, d'animo leve e sem necessidade, um fraco e não um forte.

Não ha ninguem verdadeiramente forte n'esta terra desgraçada. Até D. Carlos e João Franco, os mais fortes, no fim de contas eram fracos.

Foram successivos, repetidos actos de fraqueza, que, de longos annos, prepararam ao paiz a situação que D. Carlos e João Franco, por fim, n'um arranco de energia, pretenderam resolver. Foi um acto de lamentavel fraqueza que fez com que João Franco e D. Carlos não levassem a cabo a obra emprehendida. E foi um acto de fraqueza, da mais pavorosa e, ao mesmo tempo, da mais indesculpavel fraqueza, que creou a situação horrivel, verdadeiramente horrivel, em que vivemos.

A fraqueza de D. Carlos e a de João Franco comprehende-se, releva-se, justifica-se. D. Carlos e João Franco confiaram demasiadamente na propria força e demasiadamente na fraqueza dos adversarios. Comprehende-se. Esperaram sempre vencer os arruaceiros e dominar as quadrilhas sem necessidade de meios extremamente violentos. Comprehende-se. O que não se comprehende, o que não se releva, o que não se desculpa, em caso algum, de forma alguma se desculpa, foi o que em seguida aconteceu. Em caso algum. Isso é unico de fraqueza, d'indignidade, de vergonha na historia do mundo.

Morto o rei, morto o filho do rei, estabelecido em toda a cidade de Lisboa e no paiz o panico e a anarchia, só havia uma razão para o ministerio cahir: que o panico e a anarchia tivessem entrado tambem n'elle. Então sim. Ou o ministerio pedisse a demissão, ou o rei o demittia. Então sim. D'outra fórma, não.

Nem um grito d'alma levou aquella rainha mãe, as duas rainhas mães, a clamar vingança em cima do cadaver de dois filhos! Que tristeza! Duas mulheres, um homem—D. Affonso — duas mães, um irmão, um tio, e nem razão d'estado, nem razão dynastica, nem amor da patria, nem amor do throno, nem amor de familia lhes poude dar vigor e energia. Que tristeza!

Ah, matassem-me a mim um filho! . . . Eu só se não podesse, não beberia, até á ultima gotta, o sangue dos assassinos. Embora depois morresse, como Samsão, sob as ruinas do Templo. Eu tudo abalaria, tudo agitaria, tudo. se me fosse possivel, levaria adeante de mim, a ferro e a fogo. Ou eu, ou elles! Por isso tive sempre uma grande admiração por aquelle portuguez, aquelle homem, aquelle general que . . . *parecia n'um só dia querer beber o sangue do Oriente todo.* Chamam-lhe duro! Coragão, é que elle tinha. Apesar de seu filho ter sido morto em combate, o que faz muita differença. Em verdade se deve dizer que isso tirava justiça e razão á sua vingança tremenda.

Tudo foi covardia, terror, pusillanimidade em volta dos cadaveres dos desgraçados que cahiram varados pelas balas assassinas. Quasi que descreio dos destinos d'este povo, sempre que me lembro d'isso. Não sei como se ha de salvar uma terra que n'essa hora demonstrou, a par da mais profunda selvageria, a mais profunda covardia. Vis, selvagens, e covardes, porque ha sempre covardia na villania, os que applaudiam calorosamente, phreneticamente, os assassinos. E vis, e covardes, os que não applaudiam os assassinos. Nem coração, nem cerebro! Em ninguem! Não sei se te salvarás, ó patria infeliz!

Se eu fosse chefe de partido, membro do conselho d'estado, qualquer coisa que levasse o rei a chamar-me e a ouvir-me, eu só lhe diria: *conserve o ministerio, Senhor!* Por mais que eu tivesse sido inimigo de João Franco. Por mais que eu houvesse combatido João Franco. Tinha-o combatido? Pois bem. Por isso mesmo, a elle, e só a elle, competia remediar a sua obra desastrada. Era um dever de honra, para todos. Era, para todos, uma conveniencia politica. Ah, que não ha coração, nem cerebro, nem homens, n'esta patria infeliz!

A ter de cahir João Franco, só duas soluções se apresentavam: uma dictadura militar, ou o restabelecimento da legalidade constitucional com qualquer dos dois grandes partidos. Este foi o segundo erro que se commetteu, e esse erro ainda foi filho da covardia. Da imbecilidade, mais ou menos accentuada, de todos os nossos homens publicos, e da sua covardia.

Seria melhor a dictadura militar, uma intelligente e forte dictadura militar, que fizesse o que João Franco e o rei não tinham podido fazer. Que salvasse o paiz da anarchia brava em que estava cahido. Que desse, vingando a morte do rei e de seu filho, satisfação á justiça, á ordem, á consciencia do mundo offendido. Era preciso contar com a consciencia do mundo, além de contar com a consciencia do paiz. O mundo, naturalmente, ficaria offendido. Todos os reis, naturalmente, receberiam pessimamente—se eram reis!—a impunidade do regicidio. E tudo isso nos havia de trazer difficuldades terriveis. Como se tem visto!

Mas não havia gente para a dictadura militar? Mas ella não convinha, como já succedera com a dictadura João Franco, aos interesses ignobeis das duas grandes quadrilhas? Do mal, o menos. Então, assumia uma d'estas o encargo da acção governativa.

Fez-se o peor de tudo. Abdicou-se deante dos arruaceiros. Proclamou-se abertamente o triumpho dos assassinos. Deu-se fóros de governo á anarchia. Chamou-se a constituir ministerio um homem que não tinha nenhuma capacidade para isso. Não se deu um passo que primeiro não se inquirisse, desde a alcova do rei até ao gabinete dos ministros: «Mas ficarão contentes os dissidentes? Mas ficarão quietos os republicanos?»

Nós já lh'o dissemos, rei de Portugal! Quem tem reinado n'estes dois annos não tem sido Vossa Majestade. Tem sido os assassinos! E é para continuar a reinar que elles recorrem, ainda agora, a todos os expedientes, ameaças, *trucs* e intrigas.

Cinco ministerios, se não nos falha a memoria, cahiram já antes d'este. E quaes foram as *grandes questões* que os derribaram? Nenhuma. Foi sempre a audacia dos arruaceiros, junta á pusillanimidade dos ministros. O que tudo resultou de não ter sido, logo após a morte de D. Carlos, chamada ao poder, pelo menos, uma das duas grandes quadrilhas. Por um lado, faltou uma forte maioria parlamentar, uma maioria consistente. Por outro lado, faltaram ministros com responsabilidades partidarias e politicas effectivas. Terreno explendido para os arruaceiros explorarem!

O que vae agora succeder? Vossa Majestade não concede a dissolução da camara ao governo progressista? Quem chama, para o substituir? O partido regenerador? Mas o ministerio regenerador é recebido, no mesmo dia em que fôr ás camaras, com um voto de censura. E Vossa Majestade concede ao governo regenerador a dissolução que não quiz conceder ao governo progressista?

Aqui ha duas grandes responsabilidades em jogo, sobre as quaes parece que ainda ninguem meditou seriamente. E' a responsabilidade do rei. E é a responsabilidade do actual ministerio progressista.

O ministerio não pode, nem deve, pôr de leve a questão da confiança da corôa. O ministerio não pode abrigar-se detraz d'essa confiança. Seria uma indignidade pessoal, a par de um grande erro politico.

O ministerio ou quer cahir, ou não quer. Se quer cahir, não pode usar do subterfugio do recurso á coroa. E' vil ir embrulhar-se na capa da confiança ou desconfiança da coroa. E' claro que a coroa não pode conceder, não deve conceder a dissolução da camara sem as camaras estarem abertas e sem que continuem os chinfrins. Então, se o ministerio quer cahir, limita-se a pedir a demissão, simplesmente. Mas o ministerio a pedir a demissão e o partido progressista a dissolver-se. A tormenta, que isso vae levantar, e com razão, no partido progressista! Os ministros, causadoras da fuga do ministerio, serão alijados, fatalmente. E o peor não será isso. O peor é que o facto servirá de incentivo, de pretexto para a explosão d'esse espirito de indisciplina, d'anarchia, de egoismo, que tudo invadiu, e que parece destinado a subverter este paiz. Que tormenta, que tormenta, não vae isso levantar no seio do partido progressista!

Se o ministerio não quer cahir, então que vá ás camaras e que lucte. Então que faça applicar o regimento. Essa é a nossa opinião firme. Mas não pode, se as opposições, por numerosas, e por estarem todas combinadas no processo da arruaça, fizeren sossobrar esse expediente? A discussão parlamentar torna-se impossivel? E' o momento de recorrer á coroa. A responsabilidade do rei apparece e desapparece a dos ministros.

Recorra á coroa, e o rei que proceda. E ou o rei se resolve a dissolver a camara ou persiste fiel ao proposito de não a dissolver. Dissolve-a? Resolve-se a dissolve-la? N'esse caso, não pode negar a dissolução ao gabinete progressista. Pois porque chamar e para que chamar outro gabinete?

Este é o primeiro governo partidario da *nova monarchia.* E' composto de homens que teem defeitos, — os defeitos geraes dos politicos, todos pouco escrupulosos e egoistas, — mas que não são, propriamente, tratantes ou gatunos. Não são o Centeno. Não são o Ressano Garcia. Não são o José d'Azevedo. Não são o Arroyo. O Affonso Costa, o Alexandre Braga, o Cunha e Costa, o Padua Correia ou o Arthur Leitão. Com relação a todos esses podemos chamar-lhes *homens limpos.*

Entre Beirão e Teixeira de Souza não ha comparação possivel. Beirão é serio. Tanto quanto pode se-lo um politico. E Teixeira de Souza é um bandido.

O partido progressista é ainda o mais forte, o mais disciplinado, o mais unido da monarchia. Se é o governo que cahe, porque *tem medo,* porque *não está para se ralar,* porque os seus membros põem acima de tudo os seus interesses egoistas, é mau. O rei perde, com a perturbação que se vae estabelecer n'esse partido. E perde a causa da ordem, que ainda não está firmada para poder dispensar inteiramente as quadrilhas. Comtudo, a responsabilidade do rei fica salva. Se, porem, for o rei que o despedir, o rei estabelece uma dupla desordem: aquella que resultar da satisfação dada por essa forma aos desordeiros, da consagração do principio de *que todos os ministros* serão obrigados a recuar perante os tumultos do parlamento, e aquella que resultar da anarchia que se estabelece no unico dos grandes partidos que, ainda assim, tinha alguma disciplina. O partido progressigta accusa o rei, e, — eis o mal — tem razão para isso.

Mas novamente perguntamos: porque chamar, para que chamar outro gabinete?

Basta attentar ligeiramente no que se está passando para se reconhecer que as opposições estão fazendo, como sempre, uma especulação terrivel.

O *Portugal* publicou, ha dias, alguns dos artigos dos estatutos da *Companhia do Credito Predial Portuguez.* Ora vejamos:

Attribuições do governador

1.º Nomear e demittir os empregados da **Companhia** *e das agencias, e prover á organisação do serviço.*

2.º Assignar a correspondencia, os pertences e quitações das letras, os recibos, as ordens de pagamento sobre as caixas, em que estiverem depositados os dinheiros da **Companhia** *e fazer realisar a cobrança do que lhe for devido.*

3.º Executar e fazer executar as deliberações da assembléa geral e do conselho de administração, e assignar os instrumentos que d'elles dimanarem.

4.º Representar a sociedade nas suas relações com terceiros, ou em juizo, como auctora ou ré, podendo para isso constituir procuradores.

5.º Assinar os titulos das acções da **Companhia,** *e rubricar as obrigações ou letras hypothecarias.*

6.º Publicar e enviar mensalmente ao governo o balancete da situação financeira da **Companhia** *com relação ao mez anterior, e o relatorio, balanço e contas annuaes, depois de approvadas pela assembléa geral.*

Attribuições do conselho fiscal

1.º Velar pela stricta execução dos estatutos e resoluções da assembléa geral.

2.º Examinar e approvar em cada mez a conta da **emissão e applicação das obrigações emitfidas no mez** *anterior.*

3.º Verificar, pelo menos uma vez por mez, o estado da **caixa e da carteira,** *e se a escripturação da* **Companhia anda regular e em dia.**

4.º Assistir ao sorteio das obrigações e á queima das sorteadas, vigiando n'esse acto pelo cumprimento da lei.

5.º Assistir ao deposito, que devem fazer o governador e vice-governadores e os administradores, e vigiar pela subsistencia regular dos valores depositados;

6.º **Examinar e approvar, quando conformes os balancetes** *mensais e inventarios e contas annuaes, e* **apresentar á assembléa geral,** *com relação a esses* **e á marcha geral da Companhia,** *as observações que julgarem convenientes.*

Pergunta-se: porque é que ninguem fala nas responsabilidades do conselho fiscal?

Pela transcripção que fica feita vê-se que a responsabilidade do conselho fiscal é maior, nos casos que se discutem, que a responsabilidade do governador. Porque é que se atira só, e ferozmente, á cabeça do governador?

A resposta é simples: porque os membros do conselho fiscal são regeneradores!

Uma pouca vergonha. Aqui, como no caso Hinton. Uma pouca vergonha. No caso Hinton os regeneradores tinham mais responsabilidades do que os progressistas. Mas era preciso derribar o governo? Saltam todas as culpas para cima dos progressistas! E agora, a mesma coisa.

Não conhecemos o sr. José Luciano. Elle é d'esta terra. Nunca lhe falámos, porém. Nunca lhe escrevemos. Nunca se trocou entre nós uma palavra. Nunca o vimos. Tanto nos importa que se diga que estamos vendido aos progressistas, como não. E'-nos inteiramente indifferente. Não ha entre nós e esse homem, que é, no emtanto, nosso patricio, ligações ou relações de especie alguma. Mas basta a guerra feroz que lhe movem republicanos e dissidentes para que elle tenha as nossas sympathias. Isso basta. Porque isso diz-nos, eloquentemente, que tendo esse homem grandes responsabilidades, porque as tem, que figurando no seu cadastro, como no de quasi todos os politicos portuguezes, verdadeiros crimes, elle é, não obstante, um dos poucos que n'esta terra ainda defendem a ordem publica e ainda teem algum tino.

Elle tem crimes. Mas criminoso por criminoso, eu antes o quero a elle que o Affonso Costa, o Teixeira de Souza e o Alpoim.

O rei, a conceder a dissolução, não pode, não deve concede-la a um gabinete regenerador depois de a ter negado a um gabinete progressista.

Mas persiste o rei, outro ponto da nossa hypothese, no proposito de a ninguem a conceder? N'esse caso, quem chama? Se a camara se tornar ingovernavel com este gabinete, quem chama? Outra vez o Wenceslau? Outra vez o Makabenko? Qualquer Wenceslau? Qualquer Makabenko? E temos novas eleições com essa gente?

Então, isto não é um paiz. Isto é um grande recinto de doidos. E a quem tiver juizo só lhe resta este recurso: fugir, para não endoidecer.

Levantae o vosso animo, homens do governo! Levantae o vosso animo, rei de Portugal!

Livrae-vos todos d'intrigas! Despi-vos todos de espirito de facção e de preconceitos ridiculos! Para vos lembrardes de que tendes nas vossas mãos uma coisa muito alta e muito grande: os destinos e a honra de seis milhões de portuguezes!

Governae! Sabei governar! E sem ordem não pode haver governo!

Ordem! Abaixo os arruaceiros! Abaixo os discolos!

Coragem, rei de Portugal! Coragem, homens do governo! Que bem pouca é precisa para impor respeito e obediencia a tres ou quatro duzias de especuladores, a tres ou quatro duzias de discolos!

Recuar, abdicar deante da desordem, como já desgraçadamente se abdicou, se recuou, quando da morte de D. Carlos, e como se tem abdicado e recuado desde então até hoje, é acabar d'enterrar a pobre terra em que nascemos.

Auctoridade e ordem, que é o primeiro principio e o primeiro mandamento de todo e qualquer homem de governo!

O Ciganão

Um depoimento irrefragavel

. . . Sr. Director do *Povo d'Aveiro.*

Não tenha duvida de que o Cigano *dos tapetes e do capacete-penico, é o* gatuno *ignobil dos versos de Luiz Carlos.*

X. Z. não elucida bastantemente ácerca d'esta gatunice, mas o mesmo Guia do Bussaco, *onde a poesia foi publicada, resolve a questão, pondo em toda a evidencia o cynismo com que o malandrete impudicamente vem ainda agora mijar, como um rafeiro, sobre a campa de Luiz Carlos!*

Tenho presente a 3.ª edição do Guia, *impressa em 1896. A pagina seguinte á da dedicatoria do livro insere esta declaração: " A primeira edição d'este livro foi publicada no anno de 1875. „*

A paginas 226 escreve o fallecido A. A. da Fonseca Pinto, apresentando o auctor dos versos:

" Luiz Carlos

. . . . . .

" Esta poesia (a roubada pelo Cigano) *foi composta no Bussaco,* **quasi na nossa presença,** em agosto de 1861 . . . . . *Hoje infelizmente já o seu auctor, ainda no vigor dos annos, jaz na sepultura „ . . .*

E' um depoimento irrefragavel, anterior a 1875, e quando L. Carlos era já morto.

Conheci Fonseca Pinto, que foi revisor e depois administrador da Imprensa da Universidade, erudito professor de humanidades, e litterato de notaveis recursos. O gatuno tambem o conheceu e sabe que Fonseca Pinto era tão escrupuloso cavalheiro, quanto elle, sobre gatuno, é pulha — vindo ainda agora babujar a memoria honrada do espoliado, a quem chama ladrão!

Note-se a precisão do depoimento de Fonseca Pinto que cita até o mez em que foram feitos os versos; note-se que em 1875 já L. Carlos era morto; *e aprecie-se o cynismo do pulhastro, quando* **inventa** *a historia do Almanach de Saragoça, com os pormenores de que " o auctor do* Guia, *lendo os versos no almanach hespanhol,* pediu licença ao Simões Ferreira [Luiz Carlos] para os transcrever. Este **(já morto, coitado!)** balbucia, recusa. O outro insiste (!!). Por fim Luiz Carlos, não tendo pretexto algum para se furtar ao pedido, consente, **mas com a condição de emendar os versos!** „ . . . **(!!!!).**

E foi uma coisa simples: "Mudou o titulo á poesia, eliminou a indicação de improviso, modificou os versos, **para peior,** e pôz-lhe a data de 1880 „ (!!)

E tudo isto fez Luiz Carlos do Outro Mundo! " Hoje infelizmente [diz F. Pinto] jaz na sepultura „!

Cynico, vaidoso [modificou para peior!. . .] e malandro!

Ladrão de vivos! Fossador das sepulturas dos mortos!

Pulha! . . . Mentiroso! . . .

Ora agora o resto dos dizeres da papeleta " aos homens de bem „ deve orçar pela mesma impudica desfaçatez . . .

Tudo mentira! — *Producto de 2 ou 3 mezes de laboração d'uma imaginativa cançada, de uma intelligencia gasta.*

Parece-me por isso conveniente fazer publico isto: para por esta amostra se avaliar do conceito em que os homens de bem deverão ter o chôcho palavriado do desgraçado, que, a respeito de consciencia, está como o heroe siphilitico que cantou na morte de D. João!

V. S.

NOTA — O homem vende a defesa á razão de 30 réis cada exemplar.

O Ciganão!... Venderia a honra, se a tivesse! *D. João* deve ser uma *auto-biographia!* . . .

Bem apanhado! Muito bem apanhado! Marque lá dois tentos!

Realmente é um patife de primeira ordem, de primeirissima ordem. E, como muito bem diz o correspondente, por aqui se vê a verdade com que elle fala... em tudo!

Que marmanjo! Que marmanjão!

Pulhas sempre

Quando foi da nossa questão com o Borracho, a unica *base,* tomada pelo ignobil e sujo general, a maior vergonha do exercito, para accusar Wenceslau de Lima e Elvas Cardeira de serem solidarios comnosco, era a da nossa *impunidade,* como official reformado, e a do *Povo de Aveiro* circular livremente nos quarteis. Borracho citava até, toda a gente se lembra, o castigo applicado ao coronel reformado João Maria Lopes e ao tenente coronel reformado Zeferino de Moraes, para mostrar que se Wenceslau de Lima e Elvas Cardeira não fossem os nossos mandantes, teriamos sido, certamente, castigado como aquelles. Porque não eramos castigado dizendo-nos republicano e escrevendo n'um jornal que se affirmava republicano? Só se comprehendia não sendo nós, nem o jornal . . . republicanos. Se o fossemos, sinceramente, sem estar ás ordens de Wenceslau de Lima e Elvas Cardeira, não só o *Povo de Aveiro,* republicano, não teria licença para entrar nos quarteis, como seriamos castigado, como capitão reformado, pelo simples facto d'escrevermos . . . n'um jornal republicano.

Tal era a logica — todos se lembram — do pulha do Borracho.

Ora a verdade, é que embora republicano, nós não escreviamos artigos que causassem damno á monarchia. Pelo contrario, a monarchia, momentaneamente, aproveitava com a nossa attitude contra os republicanos.

Independente d'isso, nós não escreviamos artigos injuriosos para o rei, para a rainha, para os ministros, para os mais altos representantes dos poderes constituidos.

Nós não incitavamos o povo ao assassinato, á pilhagem, á mais desordenada anarchia.

Nós não faziamos a apologia dos assassinos do rei, do principe real, nem exhortavamos as multidões ignaras e bestiaes a desenterrar os cadaveres de pobres policias mortos por desastre, para se vingarem, n'esses cadaveres, dos suppostos crimes de lesa-democracia.

Ora se mesmo assim *deviamos* ser castigado, e se o facto de o não sermos provava ainda mais a favor da these do Borracho, pois n'esse caso é porque *não eramos republicano,* pois se o fossemos não se comprehendia a impunidade de que gosavamos, como explicar a impunidade de que gosa, tem gosado, vem gosando esse safado rabiscador que anda para ahi com o nome de Marinha de Campos?

D'esse malandro não diz o Borracho que não *é republicano.* Como se explica então a impunidade d'esse malandro?

O governo está rigorosamente obrigado a castigar, e desde já, esse malandro.

Esse malandro nunca prestou ao exercito de mar nem metade dos serviços que nós prestámos ao exercito de terra. Nós trabalhámos nos melhoramentos materiaes do quartel de infanteria 14 desalmadamente. Nós trabalhámos na instrucção litteraria dos recrutas, em infanteria 14 e 23, com dedicação e zelo inexcediveis. Nós agitámos em todo o paiz, com uma energia e uma pertinacia invenciveis, essa grande questão do ensino elementar dos recrutas. E, não obstante, os republicanos não descançaram emquanto não nos forçaram, só por não estarmos resolvido a dizer *amen* a todas as suas asneiras e a todas as suas patifarias, a sahir do exercito. Nem sequer como reformado nos deixaram em descanço! Até n'essa situação nos perseguiram! Para podermos livremente combater o Borracho, fomos forçado, depois d'um mez de prisão correccional, a pedir a demissão!

Pois quê? Pois n'este paiz é um crime injuriar o Borracho e não é um crime injuriar o rei?

Esse malandro, que se chama Marinha de Campos, o mais que terá feito, como commissario naval, terá sido roubar o estado e os soldados, como rouba as creadas que o servem. Esse gatuno sem vergonha, esse pulha deslavado, que desce á infamia de penhorar as saias das proprias creadas!

Que serviços deve a armada, o exercito, a nação, a esse pandilha? Que serviços lhe deve, a ponto do pandilha, *que depois de calotear as creadas ainda lhes penhora as saias e os brincos,* ser respeitado quando faz o caloroso elogio dos assassinos do chefe do Estado, cuspindo baboseiras e injurias no cadaver do rei assassinado?

Que paiz é este? Que esterqueira é esta? Perguntamos hoje, como havemos de perguntar no proximo domingo e sempre: pois era um crime responder com injurias ás injurias do Borracho, que nos provocou, e não é um crime injuriar o rei de Portugal?

Alto lá! Que esta questão, agora, vae ser liquidada!

Todos os dias esse malandro injuria os representantes dos altos poderes do Estado, ou na *Patria,* ou no *Mundo.* Todos os dias esse malandro prega a revolução em qualquer dos dois diarios. A cada passo esse malandro se refere ao regicidio, fazendo a apologia dos assassinos e lançando o odio e o desprezo sobre o cadaver do chefe do Estado. Por exemplo, com palavras como estas:

E' que, na verdade, a população de Lisboa é cumplice dos regicidas: ella impelliu-os contra o rei Carlos, communicando-lhes o seu odio, ella pranteou os que morreram para a vingar, e encobre os que porventura tenham sobrevivido á historica tragedia; ella glorifica-los-ha a todos um dia, quando outros dias vierem menos sombrios do que os de então.

O regicidio foi—uma vez mais se confirmou—um acto determinado pela vontade collectiva do povo.

Alto lá! Alto lá! Chegou a occasião de nós querermos saber, e havemos de sabe-lo, se só é crime ser official do exercito republicano quando se cahe no desagrado . . . *dos republicanos!* Se só é castigado como jornalista o official do exercito republicano . . . que critica os republicanos! Se só é obrigado a sahir do exercito, onde não se pode manter como republicano, o official que sobre si attrahiu . . . o odio dos republicanos.

Alto lá, alto lá, ó senhores da governança!

O' senhores da governança, nós havemos de sabe-lo!

Elle é um grande pulha. Os republicanos, que não admittiam que os officiaes reformados se dissessem republicanos para escreverem nos jornaes republicanos, de tal forma que consideravam a *sua impunidade* como prova de que o governo *ia feito com elles,* tão pulhas como elle. Mas mais pulhas do que todos, são os ministros, é o governo, que consente esta bandalheira, esta *ignobil porcaria.*

Official da armada se inculca este malandro, e como *official da armada* escreve e procede, o grande pulha. Em varios jornaes se lia de chapa, ha duas ou tres semanas:

"A creada de servir, Amelia de Jesus, moradora na travessa de João de Deus, 4, 1.º, queixou-se no juizo de instrucção criminal, de que estando ao serviço do sr. Marinha de Campos, morador na rua de Arroyos, 232, 3.º, por alguns mezes, e não o podendo aturar, se despediu, indo para a casa onde se encontra agora.

Porém, voltando a casa do sr. Marinha de Campos, para receber as suas roupas e os seus ordenados, elle recusou-se a entregar-lhe tudo que lhe pertencia, praticando assim um abuso de confiança.

Em vista d'esta queixa, foi o sr. Marinha de Campos chamado hontem ao juizo de instrucção criminal, onde foi interrogado pelo agente Baeta Dias sobre o caso, confessando que, effectivamente, tinha em seu poder a roupa da queixosa e não lh'a entregava nem lhe pagava, visto ella ter sahido contra a sua vontade. Como a queixa indica testemunhas e como o accusado confessasse tambem o crime na presença das testemunhas, o sr. dr. Almeida Azevedo, digno juiz de instrucção criminal, determinou que ella fosse enviada ao poder judicial.

O sr. Marinha de Campos apresentou-se fardado no juizo de instrucção criminal e a principio não queria responder ao que o agente lhe perguntava, allegando a sua qualidade de official da armada, mas por fim sempre respondeu.„

Fardado, o pulha! Era como *official da armada,* notem bem, que o pulha *caloteava a creada,* que o pulha penhorava em casa as saias e as camisas da creada, e era como official da armada que o pulha ia dizer ao juiz d'instrucção: «Sim, senhor, fiz tudo isso, porque a creada sahiu... *contra minha vontade.„* O democrata que, em nome da santa *libardade,* faz a apotheose dos que mataram o rei tyranno no Terreiro do Paço! Aquelle rei tyranno que praticou a tyrannia de o deixar andar, como *official da armada,* a conspirar, *descaradamente,* com os assassinos, para acabar por calotear as creadas e lhes penhorar as saias e as camisas, só pelo *espantoso crime* das creadas lhe sahirem de casa contra vontade . . . de tão magnanimo senhor!

Pulha! Ultra-pulha! Mas mais pulha do que elle os ministros que consentem, aos olhos do paiz e do mundo, este espectaculo indecente!

E era esse pulha, o caloteiro da creada, o que penhorava as saias da creada por a creada ter sahido de sua casa *contra sua vontade augusta,* quem os malandros, que exigem do rei a queda do governo para occuparem, por sua vez, *como um direito,* as cadeiras do poder, exaltavam na camara, como um *homem honrado,* invocando, na questão Hinton, o seu *nobre testemunho!*

Que paiz tão reles! Tão prostituido!

CALMARIA

Ha calmaria! A ida do rei para Londres produziu calmaria! Mas não tarda ahi a tempestade.

Elles querem deitar o governo abaixo. Custe o que custar! Lá que o governo os embaraça, não offerece a menor duvida.

Porquê?

Porque teem medo do regicidio? Porque a questão das associações secretas os affronta? Porque o Alpoim está cheio de dividas e quer pagar as dividas? Porque falta dinheiro *para a republica?* Porque querem gente da sua feição a presidir ás eleições? Porque se querem ver livres do dr. Antonio Emilio?

Naturalmente, por tudo isso. Sim, por tudo isso. Attribuir o *desejo enorme,* que elles teem, de derribar o ministerio, só a um motivo, é tolice. Ha uns motivos para elles mais fortes do que outros. Isso ha. E o mais forte deve ser... o dr. Antonio Emilio. Mas ha varios motivos. Sim, ha *varios motivos!*

A questão do regicidio é séria. E' séria a questão das associações. Ou antes, *é serio* o dr. Antonio Emilio! O perigo . . . é o dr. Antonio Emilio! Emquanto este estiver á frente do Juizo d'Instrucção Criminal, haja ou não haja regicidio, haja ou não haja o trambolho das associações secretas, *o perigo subsiste.* Mas serão elles tão doidos que supponham que o dr. Antonio Emilio cahe com o ministerio?

Eu não o supponho! A sahida do dr. Antonio Emilio, n'esta altura, seria impossivel! Não era o Teixeira de Souza quem cahiria n'essa tolice!

Esperam ao menos crear embaraços, com um novo ministerio, como já tentaram quando se constituiu o ministerio actual, ao dr. Antonio Emilio? E' possivel. E é provavel.

Emfim, elles devem estar na situação dos *desesperados* que appellam para tudo. O dr. Antonio Emilio foi o diabo que lhes appareceu. Elles temem-no poderosamente. E teem razões para isso.

Na nossa opinião, quem mais os incommoda agora é o dr. Antonio Emilio. Deve, pois, ser este, para republicanos e dissidentes, e conhecida a facil acquiescencia do Teixeira de Souza a tudo quanto é *abafar escandalos que possam comprometter os amigos,* o motivo capital da guerra ao governo. Mas, alem d'isso, os dissidentes tambem temem, e muito, o resultado das eleições, se as fizer o governo progressista.

Juiz d'Instrucção Criminal, eleições, e o receio do ministerio entrar n'um periodo efficaz de repressões, que elles, apezar de dizerem o contrario, temem extraordinariamente, devem ser os motivos principaes da ancia com que tentam derribar o governo.

Lá que o governo os incommoda *terrivelmente,* é certissimo.

Alta ladroeira?

Escrevem-nos, sob este titulo, a dizer-nos que na Academia Real das Sciencias se teem praticado varios roubos, sobre os quaes jornaes monarchicos e republicanos guardam o mais religioso silencio. E attribue-se responsabilidade n'esses casos a um *republicano muito conhecido.*

Que diabo de historia será essa?

Fala-se em livros desapparecidos, ricos livros, com preciosas illuminuras.

Como não temos *claras e completas* informações sobre o assumpto, a isto nos limitamos.

Mas o lamiré . . . ahi fica.

O preço avulso do POVO DE AVEIRO é de 20 reis em todo o paiz.

Pulhas todos

Ora vejamos hoje, bem definido pelos mais *conscientes* republicanos da Parvonia, o grande malandro que dá pelo nome de Affonso Costa. Bem definido! E' elle, tal e qual!

Acompanhado de vinte individuos aggride o Bruno Sampaio. Precisamente elle, que nunca anda só!

José Sampaio é preso. Mas elle safa-se! Tal qual o homem que cortou as barbas, para se safar, no dia da *grande batalha!*

Duarte Leite, o austero e glorioso pulha de bem, clamava:

Esse Affonso Costa acaba de provar que é um canalha, um covarde e um infame. **Se José Sampaio tivesse um revolver não ousaria aggredi-lo.**

Exacto, exactissimo. Exacto em tudo. Mas, principalmente, quando diz: *se José Sampaio trouxesse um revolver não ousaria aggredi-lo*

Exactissimo. Para que lhe poz Nosso Senhor um buraco ao fundo das costas?

Nunca o miseravel se atreveu a procurar ninguem, desde que receiou um perigo sério. Nunca. O covardissimo trocatintas que corta as barbas nas vesperas das batalhas, que borra as calças quando a policia lhe deita as unhas e que escreve, do quartel da Guarda Municipal, as . . . *memorias do carcere!*

Emfim, os leitores vão ler. Leiam e pasmem. Nós pomos em italico e em normando, chamando assim para ellas a attenção dos leitores do *Povo de Aveiro*, as passagens principaes.

O artigo intitulava-se: **Aggressão traiçoeira. Tentativa de homicidio pelo dr. Affonso Costa na pessoa do Sr. José Pereira de Sampaio (Bruno).** E sahiu publicado no n.º 3630 da *Voz Publica*, de 12 de janeiro de 1902.

Ei-lo:

Hontem, por volta das 9 horas menos um quarto da noite, o nosso querido amigo sr. José Pereira de Sampaio [Bruno) descia só, tranquillo e socegadamente, a rua do Sá da Bandeira, d'esta cidade. Ao tempo que elle chegava ás alturas da casa "Guimarães no Porto„ um pouco acima do theatro Principe Real, atravessou a rua, vindo da Tabacaria Gonçalves, o dr. Affonso Costa, acompanhado de uns vinte individuos aproximadamente. Subito, o dr. Affonso Costa, dirigindo-se ao sr. José Sampaio, berrou-lhe:

— Ah, seu canalha! E, levantando a mão armada de um *box* de ferro, assentou-lhe uma forte pancada na cabeça.

Logo, os individuos que acompanhavam o dr., mettendo-se na contenda, agarram os dois, não deixando que o sr. José Sampaio se desforçasse, **mas permittindo que o dr. Affonso Costa continuasse aggredindo violentamente o sr. José Sampaio.**

Como é natural, juntou-se no local grande multidão. Na desordem, o dr. Affonso Costa fugiu para a loja "Guimarães no Porto„ onde se escondeu, acompanhado dos seus amigos. **A loja foi logo fechada.**

Entretanto, o sr. José Sampaio, depois de mandar a uns policias que appareceram que prendessem o covarde aggressor, encaminhou-se pela rua de Sá da Bandeira acima, rodeado de alguns populares. Ia encharcado em sangue que lhe brotava dos graves ferimentos que recebera. Esses populares solicitamente se offereceram a acompanhal-o a casa, prestando-lhe os primeiros soccorros.

Quando o sr. José Sampaio chegava á esquina da rua de Passos Manuel, um guarda cortou-lhe o passo dando-lhe voz de prisão. A' pergunta do sr. José Sampaio, se o dr. Affonso Costa estava preso, elle respondeu que d'isso se haviam encarregado outros seus companheiros.

O sr. Jose Sampaio sempre acompanhado dos populares e agora tambem do guarda, dirigiu-se ao commissariado geral onde o cabo de serviço lhe deu liberdade.

A esta hora já a lamentavel nova correra, com a rapidez do relampago, ao centro da cidade e, assim, ainda no commissariado geral o sr. José Sampaio viu chegar grande quantidade de seus amigos e admiradores que vinham, anciosos e offegantes, saber d'elle e pôr-se á sua disposição. Como elle viesse sahindo, elles o acompanharam, formando numeroso grupo que se dirigiu aos nossos escriptorios, á rua de Santo Antonio.

D'aqui, o sr. José Sampaio, com alguns dos seus amigos mais intimos, após os curativos indispensaveis, dirigiu-se a um restaurante, onde foi jantar.

* * *

No local da traiçoeira aggressão, juntou-se, em poucos momentos, multidão immensa, que verberava indignadissima o lamentavel facto. N'essa multidão viam-se cavalheiros de todas as classes sociaes. A um d'elles, respeitabilissimo, republicano em evidencia que tem já feito parte de directorios republicanos e é professor distinctissimo n'uma das altas escolas do Porto, ouvimos nós dizer, encolerisadissimo, voltando-se para quem estava, na direcção da casa por onde Affonso Costa tinha fugido:

Esse Affonso Costa acaba de provar que é um canalha, um covarde e um infame. Se José Sampaio trouxesse um revolver, não ousaria aggredi-lo. E' a primeira façanha d'esse Affonso Costa no Porto.

Da multidão, disse alguem:

— Ainda ha de sahir d'aqui n'uma leva de presos.

E do lado, um individuo:

— O sr. pensa assim porque é um homem de bem.

— Eu, dizia o primeiro, *tambem tenho tido questões com José Sampaio, mas nunca me passou pela cabeça uma aggressão. Quem sabe escrever e tem uma penna e um jornal á sua disposição para desmentir accusações, fal-o nas columnas d'esse jornal.*

Como esta, as censuras ao procedimento do dr. Affonso Costa cruzavam-se e augmentavam de momento para momento.

A enorme multidão espalhava-se pelo centro da cidade, não se ouvindo pelas ruas principaes senão acaloradas discussões sobre o caso.

Nos cafés, nos restaurantes, nos theatros, em todas os pontos de reunião, emfim, onde a noticia chegou rapidamente, discutia-se a aggresão de que fora victima o nosso presado amigo, e discutia-se, como não podia deixar de ser, desfavoravelmente para o dr. Áffonso Costa.

A esta redacção chegaram, durante a noite, constantemente, innumeras pessoas de todas as classes, desde os mais elevados até aos mais humildes, amigos ou admiradores de *Bruno*, a perguntar pelo seu estado.

Em seu nome agradecemos penhoradissimos as innumeras attenções dispensadas, que mostram quanto o nosso eminente collega é querido dos seus conterraneos do Porto

* * *

E' possivel que o publico não conheça bem a razão occulta d'esta covardissima e infame aggressão. Este dr. Affonso Costa, capitaneando diversos bachareletes, com a mesma alma de malandrins, mas com menos audaciosa emphase, ha muito que vem espalhando, por maneiras indiretas, *por baixo de mão, jesuiticamente*, as mais infames calumnias, visando o sr. José Sampaio assim como este jornal, *ao mesmo passo que trabalhava por deslumbrar o povo republicano, afim de que este,* **arrastado pelas suas apparentemente elevadas palavras, n'elle confiasse cegamente e o ajudasse, inconsciente, nos seus fins occultos.**

No ultimo congresso de Coimbra continuou elle a sua obra. Suppondo-se só. e longe d'aquelles que o contrariam nos seus projectos d'ambição, reeditou, d'esta vez um pouco mais alto, as suas infames calumnias. Disse, em resumo, que o sr. José Sampaio [de cujo caracter diamantino e de cuja lealdade absoluta á ideia republicana jamais ninguem duvidou sequer] disse que o sr. José Sampaio era um traidor. E a este jornal (antiga folha democratica cujos serviços á causa republicana todos conhecem) a este jornal deu-o como traidor tambem.

Não deixou este jornal, nem o sr. José Sampaio, passar em claro a affirmação immunda. Nas nossas columnas se increpou o sr Affonso Costa, pelas suas mentirosas e refalsadas palavras.

E o dr. Affonso Costa (que aliás tem um jornal onde podia dizer alto e bom som o que vem dizendo ao ouvido de toda a gente) não respondeu na imprensa. Não lança mão da penna para responder pelas suas affirmações. Vae buscar um *box* e aggride traiçoeiramente o homem que, com toda a nobreza, deante d'um publico inteiro, lhe põe as chagas a nu.

*

Lamentamos que os subordinados do sr. Commissario de policia deixassem que o sr. dr. Affonso Costa se escapolisse (ainda covardemente) e o não prendessem. **E lamentamo-lo porque era possivel que com esse meliante, que ataca os desprevenidos transeuntes a box, fosse encontrada alguma navalha de ponta e mola occulta na faxa de cigano.**

Era muito natural, ninguem devia admirar-se d'isso. **Já passou o tempo em que os bandidos expunham nas estradas o peito ás balas inimigas. Os modernos Josés do Telhado mettem-se na politica e usam de processos mais pulhas. Almas vis de peçonhentas lesmas, contentam-se com a calumnia, isto é com a navalha, para conseguir seus fins.**

Será bom pois, que o sr. commissario de policia previna os seus subordinados **de que nem só os gatunos fogem á prisão.** Tambem certos doutores teem d'essas artes e muito mais aperfeiçoadas. **Em todas as classes ha fadistas!** E assim não está a gente livre de levar, ahi em qualquer café, n'um baile ou n'um theatro, alguma navalhada.

O *respeitabilissimo cavalheiro*, republicano em evidencia que já tinha feito parte de directorios republicanos, professor distinctissimo d'uma das altas escolas do Porto, era,—já os leitores o perceberam—o chefe dos pulhas de bem na invicta cidade do Porto. O austero Duarte Leite, aquelle que nos escrevia, a justificar-se e a explicar-nos tudo, pondo-nos ao corrente do canalha que era Affonso Costa, a carta longa e interessantissima a que nos referimos no numero antecedente. O austero pulha de bem, com menos vergonha, como todos os pulhas de bem, que *os pulhas sem vergonha*, pois não duvidou ainda ha dois dias prestar a mais *calorosa homenagem*, na gazeta que dirige, ao *canalha*, ao *covarde*, ao *infame*, pela heroica façanha de ter roubado ou mandado roubar as cartas ao Antonio Julio Machado e lê-las na camara dos deputados. A heroica façanha!

E nem só isso. O austero pulha de bem ainda convidou os seus *reduzidos leitores*, em grandes parangonas, a irem curvar a espinha perante o antigo *canalha*, o antigo *covarde*, o antigo *infame*, agora convertido em *eminente* e *heroico* cidadão. O que tudo mais uma vez e sempre demonstra o que um milhão de vezes temos dicto: que estes pulhas envergonhados são mil vezes mais funestos e *mais pulhas* que os pulhas desavergonhados.

Pulhas todos!

Não era só o Duarte Leite que dirigia toda a casta de insolencias ao *herdeiro do Esteves Ribeiro*, como pittoresca e justamente já lhe ouvimos chamar. Era o malandro do Henrique Cardoso, o tal que entrou na vida, como dizem no Porto, com uma *chave falsa*. Era o gatuno do Padua Correia, o miseravel que abandonou a mulher, depois de a encher de molestias nojentas, para com a propria irmã se amancebar. Era o Bartholomeu Severino, que comeu o dinheirinho da subscripção da penna d'oiro com que devia ser presenteado o *nobre juiz* que julgou o martyr Djalme immaculado.

Era toda essa sucia de biltres que fez causa commum com o austero Duarte Leite quando este chamou *covarde, canalha, infame* ao Affonso Costa, e que hoje, depois do Affonso Costa ter completado as suas virtudes a roubar o Esteves Ribeiro, a roubar a Companhia dos Phosphoros, a praticar roubos e maroteiras de toda a ordem, faz causa commum com o mesmo austero e dignissimo Duarte Leite a exaltar como eminente cidadão e eminente patriota, o *grande parlamentar*.

Que pulhas! E são estes . . . os que nos hão de salvar!

Fundo de propaganda

Commissão que recebe os fundos: (1)

Major Antonio Augusto Beja
Padre José Marques de Castilho, professor e director da Escola d'Ensino Normal
Francisco Augusto da Silva Rocha, professor e director da Escola Industrial.

Transporte do numero 1:360 . .	306$910
José Lopes de Moura (Villarelho) . .	700
3 arribados á Madeira (Carta abaixo) .	5$000
Somma	312$610

Denodado Campeão: (2)

Funchal 14 | 5 | 910

Desejando nós concorrer para o *Povo de Aveiro* vergalhar despiedadamente os lombos pustulados da caingalha vil e latrinaria que ahi anda constantemente emporcalhando este pobre e desgraçado Portugal com o seu fetido ichor, enviamos juntos 5$000 reis (uma nota n.º 15923 serie G T) destinados ao fundo de propaganda e á flagelação dos asquesos bandidos.

Para a frente, sr. Christo.

De V. etc.

Tres arribados á Madeira.

Ha dias recebemos uma carta de Lisboa a pedir-nos que indicassemos uma casa d'alli onde se podessem entregar quantias para este fundo, a fim de evitarmos aos subscriptores de Lisboa o incommodo do transporte de dinheiro. Accedendo a esse pedido, diremos que no Largo de S. Domingos, 20, se recebe qualquer quantia destinada ao *Fundo de Propaganda* do *Povo de Aveiro*.

(1) Ou administração do "Povo de Aveiro„ que os entrega á commissão.

(2) Escripta a bordo d'um paquete allemão.

Por se ter atrazado a impressão do volume sobre a revolta do Porto que temos annunciado, continua aberta a inscripção dos assignantes que o pretenderem.

Preço da assignatura: 700 réis, franco de porte.

O preço avulso do «Povo de Aveiro» é de 20 reis em todo o paiz.

CARTAS LISBOETAS

14 de maio.

Ha algum tempo que dois homens, dois escriptores dos que melhor escreveram em lingua portugueza, dos que com maior audacia combateram os vicios da sua sociedade e os erros da sua epoca, veem sendo apontados ao escarneo das multidões boçaes por certa imprensa que seria a escoria do jornalismo democratico, se houvesse, a valer, democracia em Portugal.

Sabem-se os seus nomes—Ramalho Ortigão e Fialho d'Almeida.

Duas gerações os amaram, duas gerações seguiram com amoroso carinho a trajectoria d'aquelles dois rutilantes espiritos que deixaram na miseria da nossa litteratura dos ultimos tempos um rasto vivo de luz.

O homem que escreveu as *Farpas* e o prosador admiravel da *Madonna do Campo Santo*, tornassem-se o que se tornassem, de anarchistas fizessem-se miguelistas, de atheus passassem a fazer o elogio da obra das Officinas de S. José, ao invez do que fez o sr. Miguel Bombarda, agora patrono da junta liberal e, em breve, por certo de qualquer centro democratico escolar, deviam merecer um pouco mais de consideração a esses criticos que não lhes conhecem a obra e cuja auctoridade moral não é, positivamente, inatacavel.

Com effeito, um jornal que tendo como redactor politico o sr. Cunha e Costa vem accusar o sr. Fialho d'Almeida de, tendo sido republicano se fazer franquista, não pode ser tomado a serio por mais que se exprema, por maior quantidade de bilis que vase sobre a cabeça do pamphletario rijo dos *Gatos*.

Não sabemos se está bem averiguado que o sr. Fialho d'Almeida houvesse sido republicano, do que não temos duvida alguma é de que o *Mundo* accusou o sr. Cunha e Costa de haver trahido o partido republicano, que o *Mundo* sustentou larga campanha contra o sr. Silva Graça e *o outro*, em nome do partido republicano.

Fialho d'Almeida tem meia duzia de livros que ficam, escreveu os *Gatos* que são um feixe adoravel de adoraveis trechos criticos. Ainda feito franquista, reaccionario, o que os senhores quizerem, é, será sempre um escriptor.

Os senhores que se curvam reverentes diante do enciclopedismo de opereta do sr. Cunha e Costa e que toleram a sombra do poeta que foi Gomes Leal . . . Que toleram? Que exaltam, a toda a hora, Gomes Leal, porque esse homem, que foi um bello poeta, hoje em decadencia manifesta, os tolera e, prova mais do que sufficiente da sua real decadencia, os exalta aos senhores.

Fialho d'Almeida quiz ser, estava-lhe segundo se disse promettido por João Franco, par do reino? E' possivel.

Teria esquecido, assim, as suas rebeldias ardentes dos «Gatos», não ha duvida . . .

Mas já ouvimos accusar o sr. Cunha e Costa de haver pretendido, em tempos, allegando serviços prestados como vice-consul de S. M. em qualquer terra do Brazil, talvez Santos, a commenda da Conceição, e não consta que os seus correligionarios o houvessem defendido d'essa accusação, como tambem se sabe que o sr. França Borges que dirige o *Mundo* e o sr. Affonso Costa que tão abundantemente é réclamado pelo mesmo *Mundo*, assistindo, em Coimbra, ao discurso do medico Augusto Barreto na inauguração do centro republicano academico, não protestaram contra o que o sr. Barreto disse.

E elle dissera do sr. Cunha e Costa as ultimas.

De sorte que a moral republicana, n'este particular, é a seguinte: Fialho d'Almeida não pode querer o pariato, porque escreveu os *Gatos*, e o sr. Cunha e Costa podia ter a commenda da Conceição, sem embargo do seu republicanismo, Fialho, se foi uma vez republicano, não poderia nunca deixar de o ser (mesmo que os republicanos fizessem toda a especie de disparates possiveis e imaginaveis) o sr. Cunha e Costa podia regressar ao partido republicano a quem voltara as costas, ao partido republicano que o accusára de transfuga, de vendido ao dinheiro do *Seculo*, de traidor . . .

Moralidade do caso: Se Fialho d'Almeida pertenceu ao partido republicano fez, de facto, grande falta ao partido republicano; se não pertenceu . . . devia ter pertencido que quem escreveu os *Gatos* não poderia ser outra coisa senão republicano.

Ah, grande deve ser, hoje, a satisfação do sr. Cunha e Costa, tão grandiosa foi a sua rehabilitação partidaria!

Immensamente vingado se deve considerar o homem de quem o *Mundo* escreveu o que escreveu para, depois, o receber de braços abertos, como uma esperança da republica, elle que havia descrido da republica para depois á republica sacrificar os seus honorarios do *Seculo* e o seu *peru do Natal!*

* * *

E Ramalho Ortigão, o escriptor extraordinario da *Hollanda*, o pamphletario gigantesco das *Farpas?*

Tratam-no da mesma forma que a Fialho d'Almeida, talvez peor ainda.

Claro, Ramalho não deveria finalisar a sua vida de escriptor collaborando no orgão nacionalista, nem deveria ter ido, nunca, esconder os volumes das *Farpas* n'uma estante da bibliotheca da Ajuda.

Por maiores que fossem as suas necessidades, por menos commoda que estivesse sendo a sua vida, um homem com o seu talento de escriptor, como raros teem apparecido n'esta terra, depois que se escreve em lingua portugueza, não deveria esquecer-se assim tão facilmente do que escrevêra.

Mas o que via elle em roda de si senão a falsificação d'uma democracia que elle se esforçára por desenvolver, o arremêdo de um republicanismo pouco seguro e mal orientado, a transigencia por toda a parte, os mais fortes pactuando, os mais intransigentes com penduricalhos, uma verdadeira derrocada moral succedendo a uma desastrosa fallencia mental?

E' possivel que esteja, hoje, um decadente, não o poderiamos affirmar, não temos seguros elementos para negá-lo.

Mas um decadente está, d'isso não ha a menor sombra de duvida o poeta que foi Gomes Leal—basta lêr os seus pamphletos, os seus ultimos artigos—e não vêmos a democracia vir attenciosamente, claro, porque se trata de um democrata e não de um *franquista* como Fialho d'Almeida, dizer-lhe: «tem bastante, correligionario—é tempo de descançar—o seu talento é immenso mas a sua aura passou—faça versos, se quizer, mas não os publique—e não se metta em coisas de politica. . . para não comprometter a democracia. . .»

Não, a democracia não o faz, a democracia não é franca, a democracia não é leal para o seu Gomes Leal, é que o é.

Ramalho é combatido. . . por ter condemnado a morte do rei. Esta é que é a grande verdade, esta é que é a grande vergonha. Porque se elle, embora criado do paço, como já lhe chamaram ahi, se desse com a *democracia*, se elle collaborasse no *Mundo*, como o sr. Dantas Baracho, ainda quando ajudante de campo do rei, então, sim, seria sempre um grande, um admiravel, um gigantesco escriptor. Isto é tudo uma mentira, tudo uma grande mentira.

Pois quem acredita que os republicanos combatessem Ramalho Ortigão se elle não houvesse escripto aquella lamentação no *Portugal*, artigo que não vale o de Fialho que é, quer queiram quer não queiram os sacripantas bajuladores do sr. Affonso Costa, um bello artigo, quem acredita ahi que os republicanos o combatessem sem aquelle seu escripto?

Mas d'aquillo á decadencia apregoada vae muito. Basta ver aquelle homem na rua, é sempre um homem, ao lado de quem a arrogancia do sr. Cunha e Costa é a do periquito, empertigando-se a dar-se ares de papagaio.

Seja como fôr, a tal democracia dá uma péssima ideia de si combatendo esses homens e tolerando, diariamente exaltando, outros que nunca fizeram, que não poderiam ter feito nunca o que esses dois homens, esses dois authenticos escriptores fizeram, para bem das lettras malaventuradas da sua terra empobrecida e decadente.

BELGAVINO.

Frandulagem

Dois cretinos

O tal Julio Ribeiro, da Guarda, mandou-nos terça-feira um telegramma com estas simples palavras: *Muito agradecido.*

E no seu jornaleco, elle e Alberto Silva, o tal Alberto Silva, assignaram um *agradecimento* no mesmo sentido.

Muito agradecido porque o homem *desprezado pelo exercito, pelo partido, pela sociedade e pela familia* (esta é a melhor!) os injuria, acamaradando-os com Guerra Junqueiro, Teixeira de Souza, Antonio José d'Almeida, Brito Camacho, José d'Alpoim, João Chagas e *mil outros.*

Vá lá, com os *mil outros.* E' uma rectificação que os honra, depois do esquecimento lembrado aqui por nós, no ultimo domingo.

Mas que dois idiotas! Que dois grandes cretinos! A quererem *ter espirito!* E a quererem esconder, mostrando-o, o *sortalhão* que deram com a tapona! Apezar de garotos deslavados, deram sorte, e sorte graúda. Os cretinos!

Pois muito bem. Como agradeceu, vamos continuar. Dois motivos nos levam a continuar. O agradecimento, primeiro. E o dever de honrar a camaradagem do . . . Antonio José d'Almeida e do Cabrito Macho. De todos. Mas, sobretudo, do Cabrito Macho e do Antonio José d'Almeida.

Vão Antonio José d'Almeida e Cabrito Macho saber quem são mais estes dois *camaradas*, que não teem remedio senão *gramar*, por lealdade e por dever politico. Não são correligionarios. Mas é como se o fossem.

1.º Julio Ribeiro é um verdadeiro *souteneur*, porque, suggestionando uma senhora meia cachetica, a explora ignobilmente, utilisando-se, com o maior descaro, da sua carruagem e parelha, com escandalo de toda a gente honesta da cidade da Guarda.

Como Cabrito Macho vê, e Antonio José d'Almeida, a cuja camaradagem se encosta o Ribeiro, o biltre tem motivos de sobra para lhes chamar *camaradas*, pois não faz mais do que tem feito o correligionario João Chagas, o correligionario Margarido e o correligionario Borracho.

2.º Quiz em sua propria casa espancar um padre já bastante velho e ainda o insulta. E eis porque elle é socio do Margarido e da Emilia no odio ao clericalismo!

3.º A um outro padre, chamado Simões de Carvalho, extorquiu seis contos de reis — naturalmente aquelles a que se refere no papelucho para se sangrar em saude.

Como vê Camacho e Antonio José d'Almeida, Ribeiro não faz mais que o Affonso Costa, o Cunha e Costa, o Arthur Leitão, o Ribas d'Avellar e o Padua Correia. Continua a ter razão para se dizer camarada.

E por hoje basta.

Parece que é filho de bispo, o diabo do homem. E por isso é que elle não pode ver o bispo da Guarda. Que não é o pae, diga-se em honra do bispo!

Mas basta, basta. Hoje não ha espaço para mais. E para corresponder ao agradecimento . . . já chega.

O resto para . . . domingo.

A MORAL DAS QUADRILHAS

A questão do *Credito Predial* veio pôr em evidencia, mais uma vez, a . . . moral das quadrilhas.

José Luciano foi um ladrão. Foi um desvergonhado. Foi um bandido. Mas quem lhe chama ladrão? Quem lhe chama desavergonhado? Quem lhe chama bandido? Quem são aquelles que impugnam a questão do Credito Predial mais vivamente?

E' o José d'Azevedo, no *Imparcial*. E' o Cunha e Costa, o Affonso Costa e o França Borges, no *Cornetim da Margarida*. E são os dos assucares, no *Dia*.

Ora o caso do *Credito Predial* é, realmente, escandaloso. Não ha desculpa para o sr. José Luciano. Ninguem está livre d'um ladrão, é certo. Nem de depositar confiança n'um ladrão, julgando-o um homem honrado. Mas se o sr. José Luciano não tivesse feito do *Credito Predial* uma agencia politica, um feudo, uma segunda corte, talvez que nada d'aquillo tivesse succedido. Pelo menos, a roubalheira não teria ido tão longe nem seria o escandalo tamanho.

Porem, áparte essa responsabilidade do sr. José Luciano, que já de si é tremenda, estamos convencido de que não metteu as mãos, com o Quintella, nos cofres da Companhia. Alem de que não é elle o unico responsavel pelas maroteiras do *Credito Predial*, como n'outro logar demonstramos.

Em qualquer caso, não metteu, repetimos, as mãos nos cofres da Companhia.

Que dizer, porem, do Cunha e Costa? E do Affonso Costa? E do José de Azevedo?

O quê? Pois quem chama ladrão a José Luciano é o Cunha e Costa? E' o Affonso Costa? E' o José d'Azevedo?

Se nos dissessem que *está tudo podre*, que, no fundo, taes são uns *como outros*, ou pouco menos, que tudo isto é *uma pouca vergonha infamissima*, concordavamos. Mas acceitar a *auctoridade moral* do Cunha e Costa, do Affonso Costa, do José d'Azevedo e dos homens dos *Assucares* contra José Luciano, seria, além d'ultrajante, ridiculo.

O José Luciano é mau. Mas — verdade, verdade — ainda é melhor do que elles.

O REI DOS BANDIDOS

Contam-nos d'este mariola um caso interessante.

Estava em Davos Platz, o bandido, e ahi fez a corte a uma menina pertencente a uma familia distincta, que estava hospedada no mesmo hotel. Dizendo-se lente da Universidade de Coimbra e solteiro, conseguiu ser correspondido. A breve trecho pediu a menina em casamento e conseguiu introduzir-se na intimidade das senhoras. A mãe da noiva, muito naturalmente, pediu informações sobre o seu futuro genro a outro portuguez, ignorando este, todavia, que o famoso Affonso Costa estava *para casar* e o motivo porque lhe pediam as informações, aliás habilmente pedidas, com a subtileza de que as mulheres usam quasi sempre. Respondeu que sim, que conhecia o *lente da Universidade de Coimbra*. Que o conhecia a elle *e á esposa*.

Que era um homem de representação social no seu paiz . . . etc.

— E á esposa? E' então casado? E tem filhos? Deve ser muito amigo das creanças, pois é um cavalheiro tão affectuoso . . .

E o outro confirmou que sim, que tinha filhos, e . . . etc. e tal.

Que grande malandro!

E' claro: foi corrido.

Mas que grande malandro! Que grande patife!

Sempre o mesmo.

Ao illustrado Ministro da Justiça (1)

Ligado por dedicação e amisade á freguezia de Tortozendo, á qual me prendem laços de parentesco, consagrei verdadeira solicitude á escolha da parochialidade da sua egreja matriz.

Apenas encerrado o concurso, sabendo que, entre os oppositores de 1.ª classe, havia um bacharel formado em direito, consultei alguns collegas meus da Universidade nas Faculdades de Theologia e Direito. Por outro lado, tive conhecimento de que o muito conceituado prior de Penha Garcia era dos melhores informados no concurso.

Procedi assim, por que era indigno do meu nome e de V. Ex.ª que tanto respeito e preso, intelligente e erudito lente da Universidade, conhecido pela sua rigidez de caracter, dirigir ao titular da justiça e dos ecclesiasticos uma petição, que fosse contraria á lei e ao dever, e á qual V. Ex.ª não podesse juridicamente attender.

Solvido o assumpto, apresentou V. Ex.ª á assignatura regia, o despacho do prior de Penha Garcia, para a egreja do Tortozendo.

Sómente depois d'este despacho, appareceu, em variados jornaes, um protesto contra tal nomeação. E por que se não faria antes?

No intuito de esclarecer a opinião publica, que não para defender o nome de V. Ex.ª, que d'isso não carecia, dirigi uma consulta escripta ao doutor Chaves e Castro, sabio e antigo lente da faculdade de direito, um dos primeiros ornamentos da nossa advocacia e consultor na interpretação das leis.

Peço venia para transcrever a resposta na sua integra.

Consulta

Quando a um beneficio ecclesiastico concorreram tres ecclesiasticos canonicamente instituidos em algum outro beneficio parochial, e que tenham alguma das seguintes qualidades: um a formatura em theologia ou direito, outro o curso triennal de estudos ecclesiasticos em algum seminario diocesano e tres annos pelo menos de effectivo serviço parochial, e outro dez annos de effectivo serviço parochial, qual destes concorrentes deve ser provido com preferencia aos outros?

Resposta

O decreto de 2 de janeiro de 1862 admittiu no artigo 15.º duas classes de concorrentes a um beneficio ecclesiastico por meio de concurso documental, e collocou na 1.ª classe os ecclesiasticos canonicamente instituidos em algum outro beneficio parochial que tenham algumas das seguintes qualidades: formatura em direito ou theologia, curso triannal de estudos ecclesiasticos em algum seminario diocesano e tres annos annos pelo menos de effectivo serviço parochial, dez annos de effectivo serviço parochial.

Os ecclesiasticos collocados n'esta classe não teem preferencia uns sobre os outros, são perante a lei todos eguaes, e o ministro pode despachar, para o beneficio ecclesiastico vago, um ecclesiastico canonicamente instituido em algum outro beneficio parochial, que tenha o curso triannal de estudos eclesiasticos em algum seminario diocesano, e tres annos pelo menos de effectivo serviço parochial, preterindo outro que, embora seja formado em theologia ou direito, não tenha tão boas informações do Ordinario como aquelle, ou que ainda as tenha eguaes.

O ministro tem a liberdade de escolher, entre os concorrentes de 1.ª classe, aquelle que julgar mais idoneo. As palavras—"alguma das seguintes qualidades„—do n.º 1 do artigo 15.º mostraram que o legislador considerou de egual valor as qualidades que passou a mencionar, não dando superioridade a umas sobre as outras.

Coimbra, 3 de maio de 1910.

Manuel de Oliveira Chaves e Castro.

(Segue o reconhecimento)

Se a mente e o raciocinio me não fallecem, surge ao meu espirito um argumento que parece eliminar todas as suppostas primasias dos parochos collados com formatura em theologia ou direito: na verdade, se ellas fossem reaes e effectivas, estariam as parochias da capital e das cidades principaes, e bem assim das pingues egrejas ruraes, todas ellas apascentadas por bachareis formados.

Elucidado o publico, recolho-me ao silencio acerca do assumpto.

Gonçalo de Almeida Garrett.

(1) Este communicado devia ter sahido no ultimo numero, o que por lapso não succedeu.

Cesteiro que faz um cesto...

... Sr. director do Povo de Aveiro.

Lisboa—9—5—910.

Como subsidio para a historia d'um cigano, em que V. anda empenhado, vou narrar-lhe um facto que, por parallelismo, confirma o caso Liborio excellentemente e até prova que V., rotulando Guerra Junqueiro de cigano, fica um pouco aquem da verdade, pois ciganissimo, rei dos ciganos, é que elle é. O caso, em questão, prova este asserto.

Communico-lh'o por amor á verdade e espero o publique porque entendo, como V., que apresentar ao povo, o eterno ludibriado, os corypheus das quadrilhas que o dominam e exploram em toda a sua realidade moral, é um dever civico, funcção sadia de caracter. Não é qualquer sentimento ruim que me anima contra Junqueiro, pois não o conheço senão por sua obra litteraria em que admiro a forma bella, quasi inexcedivel, ainda que a philosophica é contradictoria na essencia. De resto, sendo este feitio aciganado de Junqueiro, a meu ver, uma manifestação atavica, attenuada fica a sua responsabilidade; confesso-o para ser justo. O caso é conhecido em Vianna do Castello onde se passou.

*
* *

Guerra Junqueiro procurou o dr. Manuel Thomaz, figura de destaque em Vianna, e diz-lhe: "Vou mandar-te para casa uns objectos antigos (cobertas ou armas, não posso precisar) guarda-os, e se um dia alguem te bater á porta perguntando se tens alguns objectos antigos, dize-lhe que tens, pertencentes á tua antiga casa de Pias, mas não para vender por serem uma recordação de familia; mas, como pode acontecer que esse alguem inste que lh'os mostres e que lh'os vendas, mostra-lhe os que te vou mandar e depois de muito rogado pede-lhe tanto (uma exorbitancia) — e vende-lh'os.»

Assim succedeu. Passados tempos, o dr. M. Thomaz é procurado por um sujeito do Porto, que depois soube ser negociador de coisas antigas, que lá comprou por bom preço a tal preciosidade.

O mais fino da obra é que Junqueiro tinha previamente contado ao negociante do Porto, já agora patissima creatura, que sabia haver n'uma cidade do Norte um fidalgo que possuia uma raridade, unica no genero, que muito desejava possuir, e que andava a ver se conseguia vencer a reluctancia do fidalgo em vender essa reliquia de familia. Contou-lhe isto com tal mysterio e com pormenores tão fugazes, mas tão intencionalmente elucidativos, que o bom do homem ficou sabendo quem era o dono da prenda; e lá vae de longada para Vianna julgando ludribriar Junqueiro, comprando primeiro que elle, muito envaidecido e em adoração do seu—eu—astuto e privilegiado, quando devia ir render esse culto integralmente aos pés do que, desde esse dia, tinha jus, por varios titulos, ao cognome de rei dos ciganos.

*
* *

Como acceitou o dr. Manuel Thomaz, indiscutivelmente um cavalheiro e fidalgo *vieille roche*, o papel de comparsa n'esta scena? Por graça, porque achou boa partida: um cigano ser enganado por outro. Viu o facto pelo seu lado jocôso e n'esse pé o acceitou, para não perder ensejo de rir-se. De resto, o dr. M. Thomaz é grande desfrutador e um partidista incorrigivel, mas fino, subtil, espirituoso e sendo, alem d'isso, ponderado e prescrutador, desejava, talvez, estudar a psychologia das multidões, então em esboço, e para esse estado de synthese tinha que conhecer bem a psychologia individual.

Sem mais subscrevo-me de V., com subida consideração

João Zaro.

Cumpra-se a lei! Respeite-se a lei!

... Sr. Director do «Povo de Aveiro».

No ultimo numero do seu conceituado jornal vinha publicada uma carta de Braga sob a epigraphe — *Ordem, Ordem*, á qual essa redacção e certamente V., applicou entre as suas notas o seguinte periodo:

«E' preciso metter na ordem, a sério, á tesa, «os empregados do correio, como toda a gente «em geral e todos os empregados em especial.»

Muito bem! Concordo plenamente! Assim é que deve, ou devia ser!!!

Quer saber o que se passa na comarca da Guarda? O escrivão-notario do primeiro officio d'aquella comarca, creio que de nome Cunha Valente, ha talvez dois annos que não faz serviço, quer no tribunal quer no cartorio. Arranjou uma licença de favor passada pelo Juiz, e um amanuense é que lhe faz o servicinho.

Ha lá coisa melhor?!

Ora se os magistrados da comarca da Guarda cumprissem a lei, não se dava aquelle abuso!

Se o escrivão estivesse doente achava bem que fosse substituido, porque quem não tem saude não deve ser compellido a trabalhar, mas n'este caso, em que a saude é boa, que trabalhe e que cumpra as suas obrigações, e se não quer trabalhar largue o logar ou substitua-se legalmente, como dita o artigo 62 do Decreto de 29 de novembro de 1901.

Cumpra-se a lei, srs. magistrados da Guarda!

Deixemo-nos d'aguas mornas!

Aqui tem, pois, illustre sr. director, a narração d'um escandalosinho, inicio de tantos outros que publicarei se V. m'o permittir.

Agradecendo a V. a amabilidade da publicação d'estas linhas

De V. etc.

Um constante leitor.

... Sr. Homem Christo.

Muito lhe agradeço ter publicado o artigo que lhe enviei, sem eu me ter dado a conhecer.

Hei de dizer-lhe quem sou, e affianço-lhe que não se ha de arrepender de me ter dado guarida nas columnas do seu vibrante, energico e moralisador *Povo de Aveiro*.

Fui, como o senhor, um grande luctador, dos mais intemeratos d'este paiz, desculpe-me a immodestia. Abandonei a lucta porque descri da regeneração dos homens e da patria.

Perdi a crença, desanimei, julguei inutil os meus esforços, porque no caminho da minha peregrinação, não encontrei na maior parte senão devassos, tratantes, ladrões, corruptos e covardes.

Encontrei tambem alguns homens de bem, mas fracos, pusillanimes, e commodistas, não se podendo contar com elles para qualquer acção energica. Os pulhas, os tratantes, os devassos, os corruptos estão unidos, basta fazer n'um d'elles uma leve arranhadura, para todos se unirem a berrar. Os homens de bem acobardam-se logo e não dão mais um pio. Conhecendo este estado pathologico dos politicos portuguezes, dos intellectuaes, dos proprietarios, dos industriaes, dos negociantes, dos agricultores, de todos emfim que teem que perder e se deixam dominar por meia duzia de quadrilheiros, desanimei e tornei-me poltrão como o mais reles poltrão.

Confesso o meu peccado. Mas, porque me reduzi eu a este estado de atonia que conheço ser criminosa? Foi porque me convenci de que a lucta era improficua e de que o meu esforço era inutil, de que os homens que desejam a prosperidade da nossa patria e só por ella inspiram os seus actos succumbem, sem que o seu esforço obtenha resultado. Quem não tem feitio, nem temperamento, para se acamaradar com as quadrilhas, succumbe; não por medo, não por temor, porque, graças a Deus, foi coisa que, por mim, nunca conheci; mas por ver a inutilidade dos seus esforços e da lucta que emprehende para tentar regenerar a patria portugueza. Só as quadrilhas triumpham n'esta patria de cobardes. Desde o rei, até ao mais humilde cidadão — com raras excepções—estão todos aterrados com a audacia das quadrilhas. Esta é a verdade. Os homens de honra, que ainda os ha, não se unem por fraqueza, por cobardia, por commodismo e é por isso que os quadrilheiros, que ou são intelligentes, ou audazes, e que nada teem a perder, triumpham.

Ora eu, que tinha perdido as minhas antigas energias, senti outra vez vibrar os meus nervos com a leitura dos fulminantes artigos do *Povo de Aveiro* e com a energia mascula do seu grande redactor, Homem Christo. Eu tambem já fui jornalista muitos annos, sr. Homem Christo; mas quebrei a penna por julgar inuteis os meus esforços.

Os seus artigos tonificaram os meus nervos e teem-me dado horas consoladoras.

Ahi tem o motivo porque outro dia peguei na penna, ao acabar de ler um dos seus vibrantes artigos, e escrevi as linhas que lhe mandei.

*
* *

Eu conheço bem os quadrilheiros porque vivo perto d'elles, sei qual é a sua psychologia; triumpham pela intimidação e como são audazes, e quasi toda a gente tem borbulhas, todos teem medo que lhe ponham as pustulas a descoberto, sem se lembrarem que os quadrilheiros teem cada matadura que é de tremer.

Está na forja um ministerio Teixeira de Sousa, com a marca Alpoim—Affonso Costa Elles já se julgam no poder, já se suppõem donos do paiz, já arregalam os olhos com a miragem dos cofres publicos á sua disposição e da clientella. Pois se elle, Teixeira de Sousa, só quer ir ao poder para servir os amigos! Que audacia, que arrojo, que infamia! Teixeira de Souza, presidente do conselho, acolitado por Alpoim e sua quadrilha, composta dos Centenos que roubaram a mãe e as irmãs, o que deu origem a um folheto que diz no frontispicio:

" Proezas do gatuno Antonio Centeno "

Administrador das Companhias Reunidas do Gaz e Electricidade e fazendo parte dos corpos gerentes de varias companhias

Centeno achou tão apropriado este epitheto que não chamou aos tribunaes o seu auctor, que vem assignado no fim do folheto.

A acolitar esta bella prenda temos o Moreira d'Almada, director da companhia dos Assucares de Moçambique, do celebre Banco Lusitano onde o governo tem perdidas muitas dezenas de contos de reis, que não trata de saber se estão bem ou mal parados, com medo da lingua e dos berros d'esta bella sociedade.

A par d'estes, temos Carvalho Pessoa, Petra Vianna, Luiz Horta e Costa, Ribeira Brava, Visconde de Pedralva, Egas Moniz, Queiroz Ribeiro, etc., etc. que é gente fina e propria para dar lustre a um ministerio presidido pelo Teixeira de Sousa. De parceria com estes, temos Affonso Costa e a sua quadrilha para mais rapidamente levar o paiz á gloria. Por muito corrupto que tudo isto esteja, eu não acredito que o Rei entregue o governo a estes bilontras. Por muito timorato que seja o Rei, eu não acredito que se deixe intimidar tanto, que vá entregar o paiz a estes bandoleiros. Se eu fosse Rei, antes morrer que descer tanto.

O Wenceslau de Lima e as mulheres — abelhas do Paço como lhe chamou Arroyo — continuam a intrigar para apparecer breve este ministerio que ha muito está no choco. Ainda ha outras pessoas que por varias e bem combinadas operações, tambem andam a tecer na sombra, bem a occultas, muitas meadas.

Hei de pôr bem a claro esta tratantada quando tal fatalidade pesar sobre este desgraçado paiz. Ha muito, por certo, muito, muito, que andam n'este jogo indecente e ignobil, atraiçoando os proprios amigos e servindo de pulga industriosa, que para outra coisa não teem prestimo, só para fazer triumphar este incendiario e quadrilheiro Teixeira de Sousa, que a uns promette tapar as suas mazellas, a outros fazer abafar proesas que os podem levar á Penitenciaria, a outros pagar-lhe as dividas, a outros abafar o processo do regicidio, etc., etc.

Contra esse ministerio, temos de nos unir todos, para salvar esta patria, que não é só da quadrilha, que só quer o poder para a explorar.

*
* *

Mas o que é mais vergonhoso é a cobardia dos que nos governam. Hoje o que era necessario, era 7 homens que não tivessem medo, que fizesssm cumprir a lei, só a lei, sem tibiezas, com desassombro, e sem audacia. Bastava isto para metter a quadrilha na ordem.

Mas a fraqueza chega a ponto de termos ouvido dizer a pares e deputados que não ha ninguem capaz de fazer cumprir a lei! Ha quem lhes tenha respondido: n'esse caso, para que serve o parlamento funccionar?

Isto está podre, devasso, corrupto, latrinario. Bastavam 7 homens energicos, patriotas, decididos a salvar o paiz, conscios dos seus deveres e das suas obrigações, sem medo, nem terror, para o paiz entrar na ordem em menos de 8 dias.

As quadrilhas só fazem o que lhes deixam fazer. Se se fizerem finos basta carregar sobre elles com um esquadrão de cavallaria e debandam logo, desatam a fugir e só param por exemplo em Salamanca. Eu não posso comprehender como se consente que a vida de uma nação esteja perturbada pela audacia de meia duzia de quadrilheiros, que trazem tudo aterrado, quando era facilimo, absolutamente facilimo, mette-los na ordem.

O governo actual assume uma enorme responsabilidade atirando-se ao chão com medo da audacia dos Affonsos Costas e quejandos, e o rei egualmente assume uma tremenda responsabilidade se entregar o poder aos que protegem os assassinos de seu infeliz pae e irmão.

No estado de abandalhamento da politica portugueza, necessita-se mais de homens de energia e de caracter do que de talento. Parece que o talento enerva os caracteres, rebaixa a virilidade, atrophia a razão, paralisa o cerebro doentio e entibia a vontade. Um berro de qualquer Affonso Costa, um guincho de qualquer Alpoim e um trovejar de phrase de qualquer Teixeira de Souza deixa aterrorisados os nossos pifios governantes.

Quando Teixeira de Souza falla, sempre na sua honradez, no seu patriotismo, nos seus serviços ao paiz, na sabia, honrada e economica administração ultramarina, mais d'uma vez temos ouvido dizer a quem lhe conhece as prendas: é necessario audacia! E é! As mesmas caras dizem: ah! que se eu podesse fallar! Effectivamente não ha na politica portugueza quem tenha tanta audacia, e tanta é, que está prestes, dizem, a ser presidente do conselho.

Suprema irrisão!

Será possivel este paiz ter descido tanto que vejamos este pygmeu sentado nas cadeiras que foram occupadas por homens da envergadura de Sá da Bandeira, Duque da Terceira, Duque de Palmella, Duque de Saldanha, Silva Carvalho, Mousinho d'Albuquerque, Mousinho da Silveira, Fontes, Andrade Corvo, Bispo de Vizeu, Braamcamp e tantos outros homens notaveis que honraram aquellas cadeiras? E' necessario que o paiz tenha descido muito para vermos Teixeira de Souza chegar a occupar o logar de homens tão eminentes e para mais ajuda acolitado, segundo dizem, por José d'Azevedo, que nem Hintze se atreveu a fazer ministro, Pereira de Lima, Alvaro Possolo, Mello Barreto, etc. etc. E d'ahi talvez seja providencial, talvez este povo se galvanise e adquira a energia que caracterisou a antiga raça portugueza para correr estes sacripantas que não teem outro merecimento senão a audacia.

*
* *

A' ultima hora corre que Teixeira de Souza e a sua quadrilha mandou fazer propostas ao governo e outras entidades, que consistem no seguinte:

Elles compromettem-se a socegar tudo, a deixar correr o resto das sessões em socego, a fazer parar a campanha contra o Credito Predial, com a condição de que lhe hão de dar, pelo menos, 35 deputados nas proximas eleições e entregar depois o poder passado um anno!!!

Garanto que se tem andado n'estas negociações.

Isto é a mais indecente chantage de que ha memoria.

O que eu não sei é a resposta que tem sido dada a tão infames propostas. Se fosse comigo, corria a pontapés o infame, o biltre, o pulha, o devasso, que se tivesse encarregado de tão reles e baixa missão. Aponta-se ahi o nome do miseravel que tem andado n'estas vis negociações.

Da quadrilha ninguem se admira, porque é capaz de tudo; agora do encarregado da negociata é que toda a gente pasma! Quem é mais pulha, quem concebeu a *chantage*, ou quem se encarregou d'ella?

O publico que decida!

A. P.

Grande pulha

No penultimo sabbado, 7 de maio, julgou-se em Agueda o jornaleco a *Independencia d'Agueda*, processado a requerimento do sr. dr. Fernão Corte Real. Foi defensor do jornaleco o famoso bebedo Alexandre Braga. E informam-nos que o bebedo se dignou referir-se ao *Povo de Aveiro*, chamando-nos muitos nomes feios e entre elles... *deshonra do partido republicano.*

Deshonra do partido republicano! Mas que temos nós com o partido republicano, ó seu bebedo?

De resto, poderiamos e deveriamos bem ser a deshonra do partido republicano desde que você, o ultimo dos pulhas, é honra, gloria, e resplendor do mesmo!

O grande pulha! Não ha nada que esse pulha não seja. O ultimo dos bebedos, com excepção feita do Borracho. O ultimo dos devassos, com excepção feita do Borracho. O ultimo dos caloteiros. O ultimo dos batoteiros. O 5.º na ordem dos ladrões e gatunos illustres da republica, porque o 1.º ladrão e gatuno é o Affonso Costa, o 2.º ladrão e gatuno, o Cunha e Costa, o 3.º ladrão e gatuno, o Arthur Leitão, o 4.º, o Padua Correia, e o 5.º é elle. E assim por deante, em todos os vicios que pode ter um homem.

Abandonou a mulher e os filhos para viver escandalosamente amancebado com uma prostituta celebre, sua cunhada. Desce á baixeza de mandar pedir cinco tostões emprestados, ao primeiro conhecido que passa, ganhando ou roubando como advogado *contos de reis annuaes*. Rouba os clientes, praticando actos de verdadeiro *escroc*, de repugnante cavalheiro de industria, pelo que já tem sido chamado ao juizo de instrucção criminal. E' frequentador assiduo de tabernas, de lupanares, de casas de jogo, emfim o vicio na sua expressão mais porca e degradante. E é este pulha, com o Affonso Costa, com o Cunha e Costa, com o Margarido, com o Padua Correia, com o Henrique Cardoso, com o Arthur Leitão, com essa cohorte enorme de pulhas, e malandros consagrados, laureados, do partido republicano, o portador da *virtude*, da *honra*, da *moralidade*, emfim... da redempção nacional.

Estes pulhas, estes biltres, com quem andam de braço dado os pulhas de bem Duarte Leite, João de Menezes, Brito Camacho, o austero Antonio José d'Almeida e o catão Bazilio Telles!

E d'isto é que ha de surgir... a salvação da patria!

Ora bolas, ora bolas!

De resto, o pulha do Alexandre Braga tem razão. Nós fomos quem abriu o fogo na imprensa e quem mais vigorosamente o sustentou, descarregando mócadas de tremer na cabeça do ignobil advogado, contra o arranjinho do Leandro.

Elle tem razão! Elles todos teem razão!

Quizeram-nos engulir, como aos outros, como a todos. Mas ficou-lhes *este osso* atravessado na garganta!

A questão Hinton

Funchal, 5 de maio de 910.

... Sr. Homem Christo.

Não recebi os n.os 1350 e 1357 do *Povo de Aveiro*, que muito desejava ter para ficar com a collecção completa, pedindo pois a V. o obsequio de m'os enviar. Em todo o caso li-os de emprestimo, e no 1357 vi o artigo sobre a questão Hinton em que V. diz "nada saber d'esta questão em todos os seus pormenores, e assim não poder orientar bem o seu espirito.„ Effectivamente isso não é para admirar, porque bem poucos são aquelles que ahi estão ao facto d'este maldito regimen saccharino, pois elle é bem complicado. Foi tambem pela ignorancia das condições especiaes da agricultura da Madeira, e por se fiarem nas cantatas dos politicos *benemeritos!* da Madeira, proprietarios de canna e unicos favorecidos pelo regimen, que muitos ministros se deixaram illudir na bôa fé, ou se tornaram cumplices das manigancias assignando decretos de um favoritismo revoltante.

O Affonso Costa apezar de ser o homem que é, como V. bem o tem mostrado, é certo que em cortes tratou e expoz muitissimo bem a questão, e viu-se que a estudou a fundo, porque não podemos deixar de dizer que apezar de ser o que é, e sem caracter, é um homem fino, por isso a sua maldade refina.

Pelo discurso d'elle pode V. conhecer a questão. Eu não approvo os meios de que elle se serviu para fazer obstrucionismo ao projecto, condemno os excessos, porque uma causa justa deve-se defender por meios justos e honestos, mas é certo que a razão está pelo seu lado na questão da Madeira. Tudo o que se tem visto e se está vendo é indicio da podridão que vae por toda a parte; é necessario um grande escalpello que corte bem fundo n'estes cancros, e deixe ficar só o que é são. Para mim tão bons são os monarchicos como os republicanos, porque ambos padecem dos mesmos males.

A cada passo estão a apparecer escandalos e mais escandalos e envolvidos n'elles os grandes magnates da politica. Haja vista o que agora acabo de lêr *d'um desfalque enorme na companhia de credito predial.* Como tudo isto nos enche de revolta e nojo e dá vontade de pegar n'uma carabina e corre-los a tiro como V. bem aconselha.

Quando é que isto entrará nos eixos? Isso por ahi vae uma calamidade, e por cá é a mesma cousa, pois os homens de caracter e de verdade são bem poucos, e revolta ver os processos infames, que se empregam, e as mentiras que se dizem e escrevem para conseguir fins iniquos.

Não imagina o que aqui os magnates da politica teem feito para convencer ahi o governo a dar razão ao Hinton; dão-se telegrammas falsos; escrevem-se cartas cheias de mentiras para a imprensa do continente, como succedeu com as cartas enviadas a V., uma de Lisboa, outra que um padre d'aqui lhe mandou, para que o seu jornal, que todos leem com interesse désse auctoridade ás mentiras que V. (sem o saber) fez o favor de lhe estampar no seu jornal. Se V. deseja conhecer bem esta questão do Hinton, e dá licença, eu em breve lh'a exporei em termos claros e imparcialmente, para que, bem orientado, possa tratal-a nos devidos termos no seu nobre campeão da boa causa.

Sou com toda a consideração de

V. etc.

S.

Provincias

Messines, 3 de Maio de 1910

Acaba de ser promovido a segundo escripturario dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, o nosso patricio e amigo Antonio Clemente da Silva. Os nossos sinceros parabens.

—Nos dias 29 e 30 do corrente realisa-se a feira de Maio, uma das maiores do Algarve em gados.

—A' direcção dos Caminhos Ferros se lembra n'aquella occasião fazer reducção nos bilhetes, o que contribue para concorrerem maior numero de forasteiros.

—Hontem, dia de Maio pouco animado, vendo-se nos campos apenas pequenos grupos de familia com as suas merendas, a gosar os seus bocados ao ar livre. Tudo vae esquecendo.

Correspondente.

—†—

Alcabideche, II

A burricada republiqueira cá da capital da Extremadura continúa a provar que anda com as patas dianteiras no ar por engano.

Burros, sr. Redactor, que de homens só teem a figura, aliás bem grotesca. O *Povo de Aveiro* tem-os feito dar coices nas estrellas. Andam fulos. Não admira: estâmos na fartura da erva. Zurram, que tem diabo.

Tambem é n'isto e em levantar as ferraduras que são peritos. Perdão: ainda teem outra grande qualidade: em vez de beberem bem a agua, tragam á farta a *murraça* barata. E, d'aqui, o que facilmente se comprehende, e os torna o que acima dizemos.

*
* *

O que traz verdadeiramente azamboada a canalha é a ignorancia da pessoa que escreve para o *Povo de Aveiro*.

Citam nomes, muitos nomes, mas nada. Ficam na mesma. As grandes alimarias desconhecem que são sabidas por toda a gente as suas façanhas, as galleguices, e mais coisas de tal gentalha. Descancem: hão de saber quem eu sou. Primeiro hei de vos arrancar essa lã e esporear á vontade. Pena é que a falta d'espaço do *Povo de Aveiro* não me deixe escrever todas as semanas, sendo certo que a ultima correspondencia esteve retardada n'essa redacção nada menos de tres semanas. *Elles*—quer dizer, as bestas vermelhas—já batiam palmas de contentes, pensando que eu havia fugido!..,

Não digo bem: faziam barulho de ensurdecer com os ferros seguros nos pés, a poder de cravos.

Enganam-se. Thalassa II está cada vez mais firme no seu posto, no proposito de vos apresentar perante a gente honesta, *taes como sois.*

E sabei mais: o povo de Alcabideche não se mistura com a escoria social, com a malta avinhada, com a sucia de indecentes chamada partido republicanalha da grande capital.

Este povo trabalhador quer o socego da sua terra, ama o bom nome do logar em que nasceu e não consente de bom grado que meia duzia de borrachões, estupidos, maicreados e pulhas dê mau nome, pessima fama á sua freguezia, como já tem nos arredores de Lisboa e em todo o paiz.

Esta é que é a verdade. O partido republicano tem como elementos de destaque gallegos, ursos, homens de orelhas furadas, typos de vidros nas membranas auditivas. Mais: ha republiqueiro estupido que assigna a papeleta chamada *Immundo* e, pasmae!—não conhece uma unica lettra do alphabeto! E, com *estes taes* e outros é que conta a malta vermelha! E, sendo assim estupidos, nem ao menos soletrando o cornetim da Margarida—chamado *Immundo* fazem propaganda, dizem tolices sobre politica.

Dizem até que: thalassa quer dizer—*burro!!!*

Os pantomineiros quando zurram estão sempre ao espelho.

D'ahi a confusão. O que vale é que toda a gente já os conhece e por isso os trata a bridão e espora. Merecem essa *honra*. São o que queriam que os outros fossem!

Ai, os repulhas de Alcabideche!

Thalassa II

Avisamos mais uma vez todos os nossos correspondentes d'esta secção de que o POVO DE AVEIRO não tem espaço para correspondencias longas. Ou se limitam, ou não são publicadas.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismido Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrela a 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59 João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104;

F., Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Pantistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47. Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis. **Molta do Ribatejo**—João Baptista Mouro. **Vizeu**—Kiosque do Rocio. **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade. **Alvorninha**—Paulino da Silva Mendes. **Alpedrinha**—Manuel dos Santos Tarouca. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal**—Prefiro Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Nruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Villa Nova de Bronea**—José Custodio Figueira. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Montemór o Novo**—Fortunato Reinato. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã**—José da Costa Neves. **Braga**—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24. Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres **Vianna do Castello**—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Povoa**—José Couto Segundo, **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Figueira da Foz**—João Palhas, Mercado n.º 8. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Belarmino Barata. **Guarda**—José dos Santos.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Macieira de Cambra**—Domingos d'Albergaria. **Alcochete**—Joaquim Valentim **Santarem**—Vende-se nas ruas **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Veliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino.

Louzã—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz rua Infante D. Augusto. Polonia Palhas, Rua Borges Carneiro 6. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**-Antonio Vazão. **Gouveia** Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho Largo da Sé **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino*. **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria. **Villa Nova d'Ourem**—Antonio José Pereira. **Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho. **Loriga** *(Ceia)*—João Mendes Cabral Lages. **Escallos de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**—(Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luiz Filippe d'Abreu. **Bragança**—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar**—Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Benavente**—Manuel Dias Varandas. **Pavia**—José Couto Segundo. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Emilio Augusto Fernandes. **Villa Nova de Famalicão**—José Ferreira Ramos. **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Miranda do Corvo** *(Espinhal)*—Augusto Duarte Bento. **Caldas da Rainha**—José da Silva Dias, rua de S. Sebastião, 3 e 5.

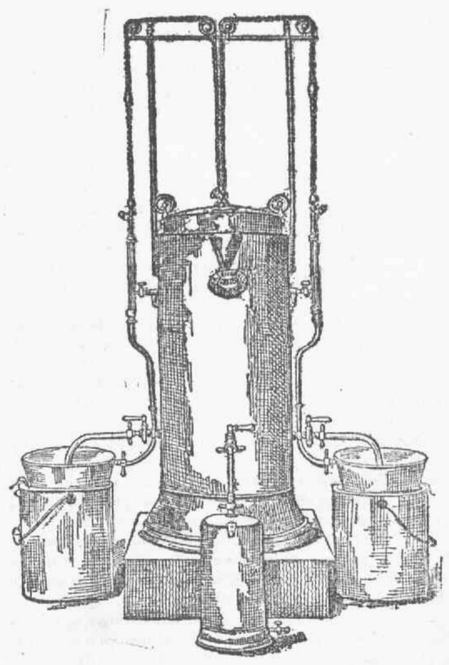
BRAZIL

Rio de Janeiro—Manuel Botelho d'Abreu—Associação dos Empregados do Commercio—Avenida Central, 120.
Manaus—Agencia Freitas.
Belem do Pará—Centro de Publicações.

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene

Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA